

PILATOS :
VIDA E OBRA
(Inédita)

Peça de Mario Prata (1987)
Baseado na obra Pilatos, de Carlos
Heitor Cony.

Texto completo

Distribuição dos papéis

Época: 1970, no Brasil

Ator um: Tubáina

Ator dois: Doente 4, Dos Passos

Ator três: Doente 1, vizinho, bêbado, senador bicha, polícia 1, funcionário da funerária, guarda

Ator quatro: Doente 2, Alcides, dono do bar, Cabral, Otávio, polícia 2, militar

Ator cinco: Doente 3, Antunes, produtor, Dom Geraldo, Magela, Gringo

Ator seis: Médico, Ozanam, diretor, sic transit

Atriz um: Freira 1, Dona Augusta, Veroca da caixa, atriz 1, freirinha 1, mulher 2, Carmo

Atriz dois: Freira 2, Deise, atriz 2, freirinha 2, mulher 1

1º ATO

Na enfermaria

Abre a cortina. Tudo escuro. Surge um pequeno foco que vem do alto para iluminar uma área mínima, abaixo do umbigo de Tubáina. O que se consegue vislumbrar ali é uma espécie de fralda, de curativo, com um pouco de sangue. Tubáina está, no momento, descoberto. Vamos percebendo isso enquanto o foco vai aumentando lentamente. Com essa abertura de luz, vamos notando que trata-se de um elemento que está numa enfermaria, onde estão duas freiras (igualmente de branco - tudo é muito branco neste começo de espetáculo), cada uma de um lado da cama.

A luz vai aumentando e vemos que elas estão olhando (ambas) para a mesinha de cabeceira de Tubáina. Parece que tem um vidro de compotas por ali. O foco vai aumentando e agora sim, vemos todo o cenário. Trata-se de uma enfermaria, muito mal tratada e suja, bem inps, com cinco camas, ocupadas por doentes. Tubáina está estático, dormindo o sono dos justos. Além de Tubáina, temos:

DOENTE 1 - extraiu um câncer no reto. Está sempre de braços.

DOENTE 2 - extraiu a próstata. É velho.

DOENTE 3 - extraiu os culhões.

DOENTE 4 - extraiu a língua.

Tubáina dorme, dopado. Freira 1, disfarçadamente, pega o vidro de compotas e o levanta, para melhor olhar na direção da luz. A outra Freira, curiosa, chega perto. Ambas olham

até mesmo com uma certa sofreguidão para aquilo: para o que está dentro do vidro. Quase encostam o rosto.

Tubaína faz um pequeno movimento com a mão, como de estivesse voltando a si. Uma freira cutuca a outra. A outra coloca o vidro de compotas na mesinha, onde estava antes.

Tubaína abre um olho. Abre o outro. Consegue levantar uma das mãos. Levanta a outra mão. As freiras olham para ele e, em seguida, para o vidro. Fazem isto duas vezes. Ele percebe o gesto. Mas mal consegue virar o rosto para ver para onde é que as duas estão olhando e com tanto interesse. Ele consegue mexer o braço e vai abaixando-o até a cintura, passando pela barriga, até atingir a mortalha. Passa a mão pelo enorme curativo. Sente um certo vazio. As freiras sorriem sem graça. Usando as duas mãos, ele consegue virar o rosto na direção do vidro. Vê!

TUBAINA - (com muita dificuldade) Compota Colombo... De pêssegos... (as freiras, piedosamente, se entreolham) Onde eu estou?

FREIRA 1 - Foi Deus quem quis...

FREIRA 2 - Um ônibus... ia subindo... Você vinha descendo... Lembra?

FREIRA 1 - Teve sorte... Muita sorte... Foi lá no centro...

FREIRA 2 - Podia ter morrido... Seria muito pior.

FREIRA 1 - Muita sorte. Podia ter sido muito pior, não é Irmã Encarnación?

FREIRA 2 - Nem diga, Irmã Anunciaçón, nem diga...

TUBAÍNA - (que ainda não tirou os olhos do vidro de compotas) Tá velha... a compota. Velha... estragada. A calda tá muito escuro. Avermelhada. (olha para as duas) Não gosto de compota de pêssegos.

DOENTE 1 - Pra mim, compota de pêssego é sobremesa de viado!

FREIRA 1 - (se benze) Não são pêssegos, meu filho.

TUBAINA - Claro! Agora eu estou enxergando melhor. É um só, olha lá, um só, rodando bem no meio do vidro. Nem amarelo é. Não é pêssego, não! Claro! Pepino! É isso! Pepino! Um pepino muito grande! Pepino em calda! Em conserva! Conserva de pepino! Mas Irmã, pra que é que querem me dar um pepino?

O Doente 2 vai se arrastando até a cabeceira dele. Ao passar pelas freiras:

DOENTE 2 - Vai me dizer que a sua coisinha não tem nome?

FREIRA 1 - A minha o que?

FREIRA 2 - Não pergunta, Irmã Anunciación!

DOENTE 2 - Coisinha! Coisinha, coisinha, coisinha, coisa, coisona!

As duas freiras fazem o sinal da cruz.

FREIRA 1 - Não me faltava mais nada.

FREIRA 2 - E o senhor volte imediatamente para a sua cama!

DOENTE 2 - A senhora não me respondeu. A sua coisinha não tem nome, não?

TUBAÍNA - (absorto) Pilatos... (olhando o vidro, para si mesmo) Grande Pilatos...

DOENTE 1 - Eu estou aqui nesta posição ridícula, mas posso te garantir: vou sair daqui com um futuro bem melhor. Sem o meu velho e companheiro câncer no reto.

TUBAÍNA - É... mas o meu, pelo menos está aqui. Onde é que está o seu câncer?

DOENTE 2 - Taí. Uma boa pergunta.

DOENTE 1 - É isso mesmo! Exijo a presença da autoridade competente. Quero o meu câncer!

DOENTE 3 - E os meus culhões? Onde é que estão os meus culhões?

DOENTE 1 - Exijo o meu câncer!

TUBAÍNA - É isso aí! O Pilatos tá aqui...

DOENTE 2 - Quero a minha próstata.

O Doente 4 aponta para a falta de língua, como quem está querendo ela também. Tubaína está admirando Pilatos, agora de pé, com o vidro nas mãos.

TUBAÍNA - Era assim que ele ficava depois de uma... função. Mais pra lá que pra cá, um pouco curvado sobre ele mesmo, igual ao Padre, na missa, dizendo "dominus vobiscum"...

DOENTE 1 - E como é que a senhora pode garantir que aquele negócio (a Freira 1 se benze) é o negócio (a Freira 2 se benze) dele?

TUBAÍNA - Essa não! Vamos com calma! Muita calma! Todos eles se parecem, é verdade! Mas esse é o meu. Conheço. Convivo com ele há tanto tempo... Conheço o jeitão dele. Olha aí.

DOENTE 3 - Os sacanas cortaram os meus culhões! Quero os meus culhões! Exijo! É o mínimo que eu posso pedir: os meus culhões! Escrotos sim, mas meus!

TUBAÍNA - Muito bem falado, companheiro! O meu pau está aqui. Mas onde andarão os meus culhões a esta altura do campeonato? Não vou andar por aí com o Pilatos sem culhão. Uma coisa faz parte da outra.

FREIRA 1 - Seus culhões...

FREIRA 2 - Irmã!!!

FREIRA 2 - Perdão... Suas gônodas...

DOENTE 3 - Gônodas?!

FREIRA 1 - Suas gônodas foram jogadas no balde que fica ao lado da sala de cirurgia. Este balde é levado aos gatos no fim do expediente...

FREIRA 2 - (olhando uns papéis) Segundo está anotado aqui no livro de registros, no dia da sua operação, foram jogados ali dois fetos, dois quistos uterinos do tamanho de uma bola de futebol, quatro quistos sebáceos, 18 metros de instetino grosso, 13 do delgado, pedaços de uma bunda de cor, cinco dúzias de apêndices supostamente suporados, dois baços enbaçados, dois piloros, um olho ruim, um olho bom, quatro placentas, oito dedos pequenos e uma glande, o seu câncer, a sua próstata, a sua gônoda e as suas gônodas. E dois chicletes. Fora a sua língua, é claro!

O Doente 4 sai correndo pela enfermaria, na direção da janela e se atira por ela, arrastando consigo, com seu vulto branco, envolto em lençóis, todo amarrado por esparadrapos, plasma sanguíneo, soro fisiológico, fios e plástico. Atira-se pela janela. Ouve-se a queda lá embaixo. As freiras correm até a janela.

FREIRA 1 - Foi Deus quem quis...

FREIRA 2 - Que Ele o tenha...

O Doente 1 se aproxima de Tubáina.

DOENTE 1 - Se me permite, já fui escrevente juramentado e te garanto que você pode mover uma ação contra o Estado, por perdas e danos. No caso, mais por perdas que por danos...

TUBAÍNA - Não vou fazer nada!

DOENTE 2 - Tá certo que, para ganhar o processo, você vai ter que provar coisas, exhibir a juizes e juradas, certas partes, certas virilhas vazias... Os jornais vão se interessar...

TUBAÍNA - Esqueça... E, além do mais, posso dizer até com certo orgulho: pau não tem preço!

Entra o médico.

MÉDICO - O que não é a Medicina, senhores! E senhoras! O que não é a Medicina, senhoras! E senhores. Vejam! Um tubinho de plástico para trazer a urina da sua bexiga. E essa torneirinha na ponta. Não é maravilhoso? Cem por cento nacional! Quando a bexiga encher e começar a te incomodar, pronto, você abre a torneirinha em cima do urinol. Quanto ao seu pênis...

DOENTE 2 - (cortando) Pênis não, doutor! Pênis, não! Tudo, menos pênis. Pênis é demais! Vocês já notaram que só médico diz pênis! Só médicos têm pênis! Órgão, também não. Me lembra Igreja. Membro me lembra os membros da Câmara dos deputados, os senadores e os membros do clube. Vara, só se for Vara da Família. Não pega bem! Pilatos... Pilatos, por favor.

MÉDICO - Pilatos?

TUBAÍNA - Pilatos!

DOENTE 2 - Isso: Pilatos! A seu dispor.

MÉDICO - Eu dizia que, quanto à higiene, seu... seu... Pilatos... está substituído até com vantagem. É muito mais limpa essa torneirinha...

TUBAÍNA - Grande vantagem...

Exercício para andar (e dormir)

Andando pela rua, Tubáina conversa com Pilatos sobre o desequilíbrio de não ter mais aquelas partes. Pilatos está dentro do vidro, natural mente, boiando..

TUBAÍNA - O pior, Pilatos, é que tudo isso é verdade. No começo, eu imagina que ia acordar do sonho, do pesadelo... Imagine, um homem sem pau. Mas, dia a dia, tudo foi se tornando realidade. Quatro meses naquele hospital de merda! O problema é andar. Falta assim... física de você eu não sinto. Afinal, ninguém sente o próprio pau o dia inteiro. Quando você estava mole então, praticamente não existia. Ninguém se lembra de pau mole. Ficava lá, quieto. Já os culhões, as bolas, Pilatos, embora não possa parecer, são muito importantes. Sem elas, a gente sente a falta delas. A gente sente um buraco, sobra cueca na região. É como quando arrancam um dente da gente. E o pior: a gente perde o equilíbrio. Como se o homem tivesse uma espécie de eixo dentro dele. Os culhões são o centro gravitacional do homem. Desde que eu perdi os meus, fico imaginando como é que as mulheres fazem para ficar em pé com tanta tranquilidade. Sem nada ali no meio para reger o equilíbrio. Eu sei que estou parecendo um bêbado, tentando me manter em pé desde que deixei o Hospital, com você debaixo do braço. Vou indo devagar, muito devagar, as pernas bem abertas, só um pensamento na cabeça: ir em frente, se possível, em linha reta. Tenho que chegar na pensão.

Chega diante de uma escada com uma porta lá em cima. Escrito em uma placa bem fuleira:

ALUGA-SE VAGAS PARA RAPAZES DE FINO

(a palavra "trato" caiu)

Ele sobe a escada com dificuldade.

Certifica-se que não tem mais a chave. Bate. O vizinho aparece.

VIZINHO - Mas não é que é o Tubáina?

TUBAÍNA - Eu mesmo! Tubáina!

VIZINHO - Engordou, hein?

TUBAÍNA - É...

VIZINHO - Ih, rapaz... Sumiu, né?, o seu quarto foi alugado pra outro cara.

TUBAÍNA - É?...

VIZINHO - Um argentino que vende baralho pornográfico.

TUBAÍNA - Sei... (os dois em silêncio) E você? Não vai me perguntar onde foi que eu estive esses meses todos, se estou legal, se eu estava doente, se eu estava preso, se eu ainda tenho os meus culhões, por exemplo...

VIZINHO - (ri muito) Imagina...

TUBAÍNA - Nada? (lembra-se) Você é ajudante de protético, não é?

VIZINHO - Desempregado, mas protético... Dos melhores. Me lembro da última prótese que eu fiz, para uma madame que...

TUBAÍNA - Pensando bem, acho que você poderia me fazer um bom serviço de...

VIZINHO - Não vai me dizer que perdeu mais um dente?

TUBAÍNA - Não é bem o dente... (desiste) Não, ainda não está na hora de pensar (diz isso para ele mesmo) num artificial. E, mesmo que fosse, não seria legal. Esse negócio é como mãe: só se tem uma!

VIZINHO - Como?

Entra a dona da pensão e começa a colocar as coisas dele a seus pés: duas malas pequenas e velhas, um cinzeiro, um pequeno abajur de cabeceira, um guarda-chuva todo rasgado, algumas peças de cama, cuecas, um par de sapatos e um quadro com três andorinhas voando simetricamente em cima de um telhado.

DONA - O senhor me deve cinco meses. Só leva o material, pagando!

TUBAÍNA - Tive problemas.

DONA - Posso imaginar...

TUBAÍNA - Pode não, dona Augusta. Pode não...

DONA - Não quero imaginar e nem saber. O senhor sumiu na época da Copa do Mundo. São quase cinco meses já. Só leva o material se pagar o atrasado.

TUBAINA - Mas dona Augusta, se a senhora soubesse o que aconteceu...

DONA - Vou vender as suas coisas e tudo que o senhor deixou. Se é que alguém vai se interessar por esses trastes... Tá pensando o que? Que só porque o Brasil foi tri-campeão do mundo, vale tudo? Não estou aqui para sustentar vagabundos.

TUBAINA - Mas dona Augusta, a senhora tem que levar em conta que...

DONA - Esse embrulho aí, o que é?

O vidro (com o negócio dentro) está debaixo do sovaco dele.

TUBAINA - (passando um jornal em volta) Isso aqui?

DONA - É. Isso aí. Alguma coisa de valor?

TUBAINA - Valor nenhum. Nenhum, nenhum, nenhum... Já teve valor, mas hoje em dia... (olha o quadro com as andorinhas) Pelo menos o quadro, dona Augusta.

DONA - Só quando pagar. Cinco meses.

VIZINHO - (de olho do vidro desde a chegada de Tubaina) Posso ver? (investe)

TUBAINA - Não, pelo amor de Deus! Dona Augusta, por favor, só o quadro. Foi um tio do Paraná que pintou. Posso vender na feira hippie...

DONA - Cinco meses.

VIZINHO - Deixa eu ver, porra!

TUBAINA - Não enche, cara!

O vizinho tenta olhar meio na marra. Tubaina desce a escada meio correndo, meio desequilibrado. Abre a braguilha, fica de costas para a plateia e de frente para o Vizinho e a Dona que estão lá em cima. Tira a torneirinha para fora e dá uma espetacular mijada que molha os dois que saem correndo. Em seguida ele, rindo, vira para a platéia e dá uma mijada nela. O esguicho é bem forte, vai até a fila M,

mais ou menos. Longo e fino. Desembrulha Pilatos e fala com ele.

TUBAÍNA - Você agora vai ser uma espécie de filho. Mas que um filho... Um amuleto, sei lá... Você é mais meu agora, do que antes... Você depende de mim e eu vou te tratar como se você fosse o meu passarinho. Um passarinho machucado... sem os olhos e sem as asas, que não pode voar sozinho, mas que teima em viver e ser meu...

Vai saindo de cena, na mesma lenta velocidade que a luz também vai saindo.

Pilatos conhece Deise ou vice-versa

Tubaína caminha pela rua. Mete a mão no bolso. Não tem mais nem um tostão. Olha para o vidro. Pensa, repensa.

TUBAÍNA - Pilatos, você vai me desculpar muito, mas muito mesmo, mas eu vou ser obrigado a pôr você no prego. Vou te empenhar, caralho. Qual é o problema? Tem gente que empenha punhal, cartucho de diploma, caneta, furadeira eletrônica, bengalas, charutos cubanos, muletas, ... Vou lá, te empenho, pego a grana, tiro as coisas da pensão da dona Augusta, arrumo umas roupas melhores e vou procurar emprego. Recebo o meu salário e vou te pegar de novo. Certo? (pausa, como se escutasse) O duro vai ser convencer os caras que você tem tanto valor para mim, ou até mais, que uma muleta, por exemplo.

Chega na Caixa Econômica. Vai até o balcão. Uma moça vem atendê-lo.

TUBAÍNA - (completamente constrangido) Boa tarde.

MOÇA - Boa tarde.

Tubaína está meio encabulado em negociar o Pilatos com uma mulher.

TUBAÍNA - Calor, né?

MOÇA - Muito. Que que é?

TUBAÍNA - Quê que é, o que?

MOÇA - O objeto. Vai penhorar o que?

TUBAÍNA - Ah, sim. O objeto, claro!

MOÇA - Sim, o objeto, o que é?

TUBAÍNA - O objeto, moça, é o seguinte: é um objeto de uso pessoal. Mas muito pessoal mesmo. Pode colocar pessoal nisso. Escuta, não tem nenhum homem para atender na repartição, não?

MOÇA - Homem? Tem o meu chefe. Mas qual é o problema?

TUBAÍNA - Não tem problema nenhum. É o objeto, o problema. Quer dizer, não tem problema. Tem o objeto, né?

MOÇA - Sim, mas qual é o objeto?

TUBAÍNA - O problema é o objeto. Dá para chamar o homem? O seu chefe?

MOÇA - Olha, eu vou falar com o seu Alcides, mas acho que ele não vai atender o senhor, não. Tá até aqui de processo para despachar ainda... este mês. Faltou uma semana porque a esposa deu à luz. Tirou licença. A esposa teve problema. Quer dizer, a criança. Nasceu sem o tórax, dá para entender. Diz que os braços saiam aqui da garganta. Surda-muda também. Dizem que ele e a mulher estão para se separar. Ele não perdoa isso nela. Acha que a culpa foi dela que bebeu muita maconha nos anos sessenta. Dizem que ele só esperou ela dar a luz para se separar dela. Ele fala alto, não repara. É que a esposa também é surda e muda. Minutinho só. (vai saindo, volta) Ah, a criança não morreu!

Moça sai. Tubaina abre um pouquinho o embrulho para olhar Pilatos.

Moça volta com o chefe, o seu Alcides.

ALCIDES - (sempre muito alto) Pois não!

TUBAÍNA - Boa tarde...

ALCIDES - Boa tarde. Qual é o problema com o objeto?

TUBAÍNA - Problema nenhum. O objeto está aqui dentro.

ALCIDES - E qual é o problema do objeto, meu rapaz?

Tubaina puxa Alcides para o lado. A Moça tenta ouvir e ver o que se segue.

TUBAÍNA - Seguinte, seu chefe. Custa muito a explicar. É uma coisa muito valiosa para mim. Prometi nunca me separar dele. Mas a vida ficou difícil. Muito difícil. Além do

mais, seu chefe, se eu deixar aqui, penhorado, ele vai continuar sendo meu - não é verdade? - e quando as coisas melhorarem, eu venho buscar ele de volta. Eu não posso me separar dele. Faz parte de mim...

ALCIDES - Aqui não é depósito de objetos pessoais, rapaz! nós não podemos...

TUBAÍNA - Sei, sei... Eu só queria deixar claro que o objeto é de muita estimaçãõ. De qualquer maneira, aconteça o que acontecer na minha vida, eu venho buscar ele. Não se preocupem com o dinheiro que eu vou levar hoje.

ALCIDES - Mas qual é o objeto, afinal?

Ele fala no ouvido de Alcides. Alcides fica pasmo. Dá um passo atrás, com nojo do embrulho. Depois de alguns segundos:

ALCIDES - Não entendi.

Tubaína fala novamente no ouvido dele. Fala muito. Alcides fica em dúvida. Será possível que dentro daquele embrulho tem um vidro com um pênis dentro? Olha incrédulo para Tubaína.

ALCIDES - Quero ver!

Tubaína abre um pouco o jornal e Alcides olha. Reflete por alguns segundos. A Moça vai até ele, curiosa.

MOÇA - Quê que é, hein?

ALCIDES - Me chama o Antunes. Isso está além das minhas atribuições.

Moça sai. Alcides vai até lá e dá mais uma filadinha no vidro. Entra Antunes. Alcides pega Antunes pelo braço, vai a um canto e fica falando no ouvido dele. Moça tentando ouvir. Antunes fica incrédulo.

Antunes se aproxima de Tubaína

ANTUNES - Quero ver.

TUBAINA - Pois não.

Tubaina mostra. A Moça se aproxima para ver também.

ALCIDES - Melhor não, Veroca.

Mas ela está doida de vontade de ver. Tubaina percebe e mostra para ela. Ela dá um grito e sai correndo.

ALCIDES - O que você acha, Antunes?

ANTUNES - Melhor falar com o gerente, Alcides. Olha ele aí.

Entra seu Ozanam trazido pela Veroca, que aponta o vidro.

OZANAM - Mas afinal, o que é que está acontecendo aqui dentro?

ANTUNES - Seu Ozanam, tem um provérbio, ou coisa parecida - se o senhor me permite - que diz mais ou menos assim: a imagem diz mais que qualquer palavra. Este sujeito quer empenhar isto!

Antunes leva Ozanam até o embrulho. Tubaina mostra para ele.

OZANAM - (não percebe) Mas o que é isso? Você quer empenhar uma linguiça? Ora, faça-me o favor...

ALCIDES - Não é bem uma linguiça, seu Ozanam... Quer dizer, trata-se de uma linguiça, sem dúvida alguma, mas é a própria linguiça dele. O senhor me entende?

OZANAM - Claro que eu entendo. Se ele quer empenhar uma linguiça, presume-se que a linguiça seja dele. Ou não?

ANTUNES - Com todo o respeito, seu Ozanam, o que ele está querendo empenhar é o seu próprio - desculpe... - órgão!

OZANAM - Órgão? Mas ali tem é uma linguiça...

ALCIDES - Pica...

OZANAM - Ah, pica...

Ozanam vai olhar. Pensa.

OZANAM - Vamos falar com o doutor Santana. Antunes, traga o objeto.

ANTUNES - Alcides, traga o objeto.

ALCIDES - Traga o objeto, Veroca!

VEROCA - Eu? Logo eu?

Veroca sai carregando o embrulho como se fosse um ostensório com a hóstia consagrada. Tubaina fica sozinho, ansioso.

TUBAÍNA - (pensando alto) Quanto será que está valendo hoje em dia um tipo como ele, dentro de um vidro, na praça? Um objeto jovem como o Pilatos, 33 anos, nenhuma veia saltada, nenhuma verruga, nenhum pelo encravado, muitíssimo bem operado de fimose, diga-se de passagem...

Entra Deise, empurrando o vidro num carrinho de escritório.

DEISE - É do senhor?

TUBAÍNA - Perfeitamente.

DEISE - É para o senhor desaparecer imediatamente com isso daqui.

TUBAÍNA - (vai argumentar, mas desiste) Está bem. Desculpe a amolação.

Pega o embrulho e vai saindo.

DEISE - Psiu. Seu moço, psiu...

TUBAÍNA - Comigo?

DEISE - Quem mais? Alguém escreveu um bilhete aí no embrulho.

TUBAÍNA - Bilhete?

Deise some.

TUBAÍNA - (lendo) "Espere-me às cinco horas, na esquina da Roberto Freitas com Norival de Barros. Posso ajudar".

B.O.

O cafetão castrado

Tubaina está parado na tal esquina, com o embrulho debaixo do braço. Deise chega por trás e o cutuca. Ele se vira.

DEISE - Sou eu... Deise...

Ela deu-se um trato. Ficou pior ainda. Colares, dedos cheios de anéis, muita maquiagem. É velha, acabada, a nossa Deise.

TUBAÍNA - (visivelmente decepcionado) Claro... A senhora...

DEISE - Deise... Da Caixa...

TUBAÍNA - Eu estava esperando a senhora... Quer dizer, eu esperava alguém, né? O bilhete, né?

DEISE - Não se assuste, mas... Mas vamos lá para a minha casa? Vou estar sozinha e o senhor não tem nada a temer. Pode ficar tranquilo. Sou de ótima família e concursada na Caixa. Sou lei 5.000

TUBAÍNA - Sua casa?

DEISE - Claro, não tem o menor problema. Algum problema?

TUBAÍNA - O que a senhora quer de mim?

DEISE - Depois eu explico. Olha, eu vou na frente. Moro aqui perto. Você me segue. Na segunda, vou virar para a direita, vou entrar na casa dois.

TUBAÍNA - (ressabiado) Casa dois.

DEISE - Casa dois.

Deise vai saindo, sem dar chance para um possível "não" dele. Ele e Pilatos ficam sozinhos.

TUBAÍNA - Pilatos, tudo o que eu quero é uma boa cama e um pouco de comida. E paz. (fica olhando Pilatos como se esperasse uma resposta dele) Está bem, está bem. Vamos ver se dá para trocar o seu álcool também.

Pequeno B.O.

Voltamos já na casa de Deise. Ela abre a porta.

DEISE - Fecha, fecha logo!

TUBAÍNA - (entra, ela fecha logo a porta) Pronto. Estou aqui.

DEISE - Fala baixo, por favor. Por favor!

TUBAÍNA - Mas... por que?

DEISE - Os vizinhos... (quase sussurrando)

TUBAÍNA - Que vizinhos? Que que tem os vizinhos?

DEISE - Os vizinhos, ué. Casa um, casa três...

TUBAÍNA - Não sei falar baixo. O que é que os vizinhos têm a ver com isso?

Ela o leva para o quarto, segurando no braço dele. Estava escuro.

TUBAÍNA - Por favor, acenda a luz. Não suporto escuridão.

Ela acende a luz. Ele olha a cama. Experimenta com a ponta dos dedos.

Gosta. Ela senta-se na cama. Ele, em pé

DEISE - Fique à vontade...

TUBAÍNA - Eu estou à vontade. A senhora mora sozinha?

DEISE - Deise. Me chama de Deise.

TUBAÍNA - Está certo, dona Deise.

DEISE - Deise. Só Deise.

TUBAÍNA - Você mora sozinha, Deise?

DEISE - Estou sozinha. (pausa, observando ele) Você está na pior, não está?

TUBAÍNA - Dá pra perceber?

DEISE - Pra mim, quem vai na caixa está sempre na pior. Ou na melhor. Não tem meio termo. Eu estava naquela sala quando examinaram o seu... o seu... Sou secretária do Ozanam.

TUBAÍNA - Sei...

DEISE - E daí que o Diretor Administrativo ficou uma fúria quando viu o seu... o seu...

TUBAÍNA - Todos ficaram uma fúria.

DEISE - Todos... Deu a maior confusão lá em cima. Não consta do regimento interno, entende... O objeto em

questão. Chegaram até a discutir o valor do penhor... mas aí parece que caíram em si... Aí alguém falou assim: mas o que é isso, gente? A gente tá maluco? Aqui discutindo o preço de um - desculpa - caralho murcho?

TUBAÍNA - Desculpa - filhos de uma puta!!!

DEISE - Isso mesmo, disseram os outros. Aí me mandaram devolver "ele" para você. E eu escrevi o meu bilhete bem rápido com a minha BIC.

TUBAÍNA - E daí?

DEISE - Você é maluco?

TUBAÍNA - Não. Sou apenas um homem sem... (pausa) Afinal, o que a senhora quer?

DEISE - (olhando com secura para o vidro embrulhado) Quero ver mais...

TUBAÍNA - Você já viu.

DEISE - Mas, na hora, na repartição, naquela confusão, não deu pra ver direito. Além do mais, tive que escrever o bilhete bem rapidinho, sem que ninguém notasse. E olha que estavam na sala a Veroca, o seu Alcides, o seu Antunes, o meu chefe, fora o boy e...

TUBAÍNA - Mostrar?... O que é que você me dá em troca?

DEISE - Não posso dar muita coisa. Você mesmo reconheceu que tá na pior. Não sou rica, mas posso dar alguma coisa se você concordar.

TUBAÍNA - Concordar com o que? Mostrar?

DEISE - Vamos por partes. Me dá o embrulho. Depois a gente conversa.

Ela disse isso com tanta determinação que Tubaina entregou um o vidro embrulhado para ela. Ela arrebenta os frangalhos do embrulho. Fica olhando para Pilatos, embevecida.

DEISE - Posso destampar?

TUBAÍNA - Nem pensar. Se eu começo a tirar a tampa para todo mundo, o Pilatos acaba apodrecendo.

DEISE - Pilatos?

TUBAÍNA - O nome dele.

DEISE - Sei...

Ela começa a passar o vidro no rosto.

DEISE - (de repente) Deixa eu ver!

TUBAÍNA - Ver o que?

DEISE - O buraco que ficou.

TUBAÍNA - E o que é que eu ganho?

DEISE - O que é que você quer?

TUBAÍNA - Em primeiro lugar, quero dormir um pouco. Numa cama. Nessa cama. Depois quero um pouco de dinheiro.

De repente ela apóia o vidro entre as pernas dela e fala como se fosse uma funcionária.

DEISE - Você pode dormir, mas só até às dez da noite. É que eu moro com outra pessoa. Uma ex-colega. Lá da Caixa, da repartição. Dá aula na periferia, sabe? Dedicada... Ela chega em casa às dez da noite, sabe? Quanto ao dinheiro, já disse, não sou rica, mas se você fizer o que eu quero, posso te dar algum.

TUBAÍNA - Que horas são?

DEISE - Seis.

TUBAÍNA - Dá pra dormir quatro horas. Você quer o que? Não vê que eu sou um homem sem...

DEISE - Não precisa se assustar. Eu sou virgem. Talvez você não acredite, mas nunca... Nunca mesmo segurei... um negócio, entende? Desde menina que eu sou obcecada por isso. Mas nunca quis, nunca... Nunca consegui encostar um dedo sequer, num. Nunca. Quando eu era criança, ali pelos cinco anos, na casa do meu pai... Meu pai era militar, mandava soldados arrumarem o jardim lá de casa... Um desses soldados, azul de tão preto... Eu andava sempre atrás dele... Nem sei porque, mas fugia de todo mundo para ir atrás dele. E, quando eu sabia que não tinha ninguém por perto, pedia para ele me mostrar. Ele... bom, só na primeira vez que ele se assustou, tinha medo que alguém descobrisse, mas um dia ele me mostrou. Eu gostava de ver aquela coisa saindo da calça. Ficava só olhando. Nunca tive coragem de botar a mão. Até que um dia ele tirou pra fora,

e o negócio foi ficando grande... pediu, quis me forçar a pegar aquilo, mas aí eu corri e ameacei contar tudo para o meu pai. Tive muito medo... e comecei a sentir prazer com a mão... Depois com outras mulheres... Eu ficava mais tranquila: elas não tinham isso (aponta Pilatos). Fiquei adulta, velha e feia. Mas não queria morrer sem um dia... Você compreende?

Tubaína se emocionou com a narrativa de Deise. Chega a limpar um par de lágrimas.

TUBAÍNA - Pois eu acho que a senhora escolheu mal. Por muito pouco dinheiro, tem muita gente por aí que mostraria o... material para a senhora. Um material vivo!

DEISE - Mas eu não teria coragem de pedir isso para ninguém... Só mesmo para você... Sabe como é? O seu é e não é ao mesmo tempo, entende?

TUBAÍNA - Tudo que a senhora quer é ver o buraquinho, não é?

DEISE - É...

TUBAÍNA - Só isso?

DEISE - Só.

TUBAÍNA - Depois me deixa dormir?

Ela concorda com a cabeça. Ele abaixa a sua calça e ela o examina.

DEISE - Nossa, tiraram também os...

TUBAÍNA - Bagos...

DEISE - Isso. E como é que você faz agora para...

TUBAÍNA - Não faço mais.

DEISE - Não faz mais xixi?

TUBAÍNA - Ah, xixi... Aqui, ó. Na torneirinha. Tá vendo aqui a torneirinha no meio dos pelos? A gente tira a tampinha, tá vendo ó, tá vendo?, verdinha. Isso. Põe o dedo. Aqui, tá vendo?

DEISE - Tou...

TUBAÍNA - Então. Eu tiro a tampinha, viro a torneirinha pra cá, viro a torneirinha pra lá... o xixi sai.

DEISE - Posso tirar a tampinha?

Pela primeira vez na peça Tubaína ri. Estaria gostando dela?

TUBAÍNA - Outra hora. Quando a bexiga estiver cheia. Sái que é uma beleza. Esguicha longe.

DEISE - Louca pra ver.

Ele faz o gesto de puxar a calça.

DEISE - Não! Espera. Tira a calça toda.

TUBAÍNA - Toda?

DEISE - Toda!

TUBAÍNA - Posso deitar?

DEISE - Pode.

Ele tira as calças, a camisa e os sapatos. Cai na cama, sente um grande alívio. Ela fica olhando profundamente o vidro. Ela começa a se empolgar. Os olhos se esbugalham, a respiração cresce. Ela vai gozar. Ela começa a gozar e Tubaína faz um carinho no cabelo dela. Depois ela se agarra ao vidro e vai caindo na cama assim como vai caindo a luz em resistência.

B.O.

TUBAINA - (no escuro) Posso voltar, um dia?

DEISE - Semana que vem. Mesma hora. Não esqueça do Nero.

TUBAÍNA - Pilatos!

Agora sim, fim de cena.

É o caralho!

Tubaína agora está num restaurante, mandando bala num belo contra-filé com fritas, à cavalo. Come com satisfação, com alegria, enfim, com fome. Na mesa ao lado tem um bêbado. O

bêbado, sabe-se lá porque está invocado com ele. Começa a olhar para ele e, depois, para o embrulho. De repente, o bêbado, furioso, levanta-se. Lá no fundo, vemos Dos Passos comendo e a tudo observando. Tem mais uma mulher, outro cara comendo e o dono do restaurante. O vidro, embrulhado, está em cima da mesa de Tubaina.

BÊBADO - Esse canalha roubou o meu embrulho! Esse embrulho!

TUBAÍNA - Qué isso, cara? Esse embrulho é meu! Muito meu! Nunca um embrulho foi tão meu como esse aqui.

BÊBADO - Teu é o caralho!

TUBAÍNA - Como é que você sabe?

BÊBADO - Teu é o caralho!

TUBAÍNA - É meu!

BÊBADO - É meu!

DONO DO BAR - Um momento, pessoal! Um momento! Vamos raciocinar. Quem souber o que é que tem dentro do embrulho é o verdadeiro...

BÊBADO - É o caralho!

TUBAÍNA - É meu!

DONO DO BAR - Calma... Quem souber o conteúdo do embrulho é o legítimo dono. (para o Bêbado) O que é que tem dentro deste embrulho?

BÊBADO - É o caralho!

DONO DO BAR - O que é que tem dentro deste embrulho?

TUBAÍNA - É o caralho!

DONO DO BAR - Assim não vai ser mesmo possível. Como assim: é o caralho!?

TUBAÍNA - É um caralho, ué?

BÊBADO - É o caralho!

O dono pega o embrulho como se fosse o Juiz da contenda. Abre o embrulho, mostra para os presentes, inclusive a Moça e Dos Passos. A Moça não acredita no que está vendo. Chega

o rosto bem perto. Dos Passos não estranha, mas a Moça cai desmaiada, mas ninguém liga para ela.

DONO DO BAR - Mas, afinal, de quem é este caralho?

(para Tubáina) Baixa já as calças!

Tubáina, de costas para a platéia, baixa as calças. Dos Passos vem ver bem de perto. O Bêbado, ao fundo, fica gritando:

BÊBADO - É o caralho! É o caralho!

Bêbado sai de cena, falando a sua fala. Dono do Bar vem até Tubáina, refazendo o embrulho. Dos Passos fica por perto. Dono do Bar joga água na Moça que sai correndo. Volta para Tubáina.

DONO DO BAR - Como foi isso?

TUBAÍNA - Coisas da vida... O que importa é o seguinte, companheiro: estou precisando de um trabalho. É isso que importa.

DONO DO BAR - Sei de um botrequim que está precisando de garçom. Pagam uma merda, mas... De um gringo.

TUBAÍNA - Podemos ver isso

B.O.

Os passos de Dos Passos

É noite. Tubáina chega numa praça. Está sendo seguido. Senta-se num banco. No outro, senta-se Dos Passos, sujeito que estava no bar, na cena anterior. Tubáina ajeita o vidro entre as pernas, estica o pescoço, ficando com a bunda na beiradinha do banco e a cabeça recostada no encosto. Esperando o sono vir, o sol nascer.

Dos Passos passa para o banco de Tubáina.

DOS PASSOS - Merda de vida!

Tubáina olha para ele, resolve não dizer nada. Como se concordasse.

DOS PASSOS - São uns putos!

Tubaína concorda, para não ter que discutir. Não está a fim de levar papo com ninguém, muito menos com um desconhecido num banco de praça. Está a fim é de dormir. Mas Dos Passos cisma que Tubaína está a fim de levar papo.

DOS PASSOS - Um dia desses um tomo coragem e faço uma loucura! (Tubaína concorda com a cabeça) Sou escritor! (Tubaína nem aí, ele resolve mudar o tema) Odeio as mulheres! (Tubaína nem aí) Posso ver qualquer mulher, a mulher mais bonita e gostosa do mundo - posso ver a Leila Diniz, manja? - e não sofro nada. Absolutamente nada! Agora eu me preocupo com outras coisas.

TUBAÍNA - Que coisas, por exemplo?

DOS PASSOS - Literatura e política. O socialismo, os comunistas! Sou radical de direita! Sou um facista, entende? Odeio todas as esquerdas! Todas! Principalmente as deste país. E sabe por quê? Porque a esquerda sempre leva vantagem em tudo! Na política, por exemplo: a direita trabalha, trabalha, trabalha e a esquerda só mete o pau. E ainda acaba fazendo as revoluções. O cabelo, por exemplo: quem penteia? Quem penteia? A direita. A esquerda só vai ajeitando, só na maciota. Tirar água do poço. Quem vira o sarilho? A direita. A esquerda só vai ajeitando a corda, alisando. Quem puxa o balde? A esquerda, mas quem carrega é a direita. Até no carro. Pode reparar. de que lado fica o câmbio? Então. A esquerda, só tomando sol. Na siririca. Quem bate? A direita. A esquerda fica só segurando a revista.

Dos Passos se cala. Fica esperando Tubaína falar alguma coisa. Mas ele pega o embrulho como se fosse para ir embora.

DOS PASSOS - Não, não vai embora, não! Fique com a gente...

Tubaína olha em volta. Não tem ninguém.

DOS PASSOS - Fique com a gente. Gostei da sua cara. Fez bem em se castrar. As mulheres não estão com nada!

TUBAÍNA - Eu não me... (cai em si) Como é que você sabe?

DOS PASSOS - Tava no bar. Me interessei. Já disse: sou escritor! Posso escrever a sua vida! Posso ser o seu biógrafo ambulante...

TUBAÍNA - Bobagem...

DOS PASSOS - Um homem assim como você... é um grande personagem. Como é o seu nome?

TUBAÍNA - Pode me chamar de Tubaina.

DOS PASSOS - (ilumina-se) Já tenho até o nome para a sua biografia: TUBAÍNA, O HERÓI SEM NENHUM CARALHO!!!

Tubaina não entende e ameaça ir embora de novo.

DOS PASSOS - Vai dormir aqui? Essa noite você não pode ir dormir na nossa casa. Tivemos uns probleminhas de - digamos - ordem política, digamos assim. Mas, a partir de amanhã... Não podemos facilitar. Vamos passar a noite aqui mesmo. Ou na praia. Pra ver o sol raiar, nascer.

TUBAÍNA - Não estou nem um pouco interessado em ver porra nenhuma de sol nascer!

DOS PASSOS - (segura o braço dele) Vamos, homem: você é um Tubaina! E todo Tubaina gosta de ver o sol nascer. Fiodor Dostoiévski!

Dos Passos sai arrastando ele.

DOS PASSOS - Deixa que eu carrego.

TUBAÍNA - Não. Fico sempre com ele. Não posso me separar dele.

DOS PASSOS - Está certo. Eu compreendo (vão caminhando) Sempre que eu posso, vejo o sol nascer. Faz bem. É importante, sabe? Ver nascer um novo dia. Meu nome é Dos Passos!

TUBAÍNA - (olhando Pilatos) Mas... pra que um novo dia? Pra que?

All that Hollywood

Os dois estão sentados na praia, na areia. Céu nublado.

TUBAÍNA - Nascer de sol fraquinho, hein?

DOS PASSOS - As nuvens, não é mesmo? Atrapalharam. Se a viração soprasse pra lá e limpasse o sol, a gente ia ver o sol pular ali mesmo, naquela linha. Perto daquela ilha, ó.

Entram, estabanadamente, um grupo de pessoas. O pessoal do cinema. Assim divididos:

DIRETOR

PRODUTOR

PRIMEIRO ATOR - um barbudo maquiado, vestido de SENADOR

SEGUNDO ATOR - uma bichinha histérica, vestida de PEDRO ÁLVARES CABRAL

PRIMEIRA ATRIZ - ATRIZ PRINCIPAL do filme e VIRGEM I

SEGUNDA ATRIZ - FILHA de um operário torturado e VIRGEM II

Entram com holofotes, câmeras, cadeira de diretor e tudo o mais.

DIRETOR - Cadê o sol? Cadê o sol, porra?!

PRODUTOR - Calma, o sol vai pintar. Sol pinta...

DIRETOR - Vai pintar, o cacête!

TUBAÍNA - (levanta-se) Vamos embora que eu quero ver se consigo o tal do emprego no bar que eu te falei. Do gringo.

DOS PASSOS - Vamos ficar aqui que vai ser mais divertido. Pode ser muito interessante.

DIRETOR - (gritando para o Produtor, referindo-se a um holofote) Tirem essa coisa daqui! Não vai haver filmagem nenhuma!

CABRAL - (que começara a ficar na posição de Pedro Álvares Cabral) Que ingratidão, meu Deus! Nunca mais faço cinema. Estou ou não estou um Pedro Álvares Cabral perfeito? E agora vem me dizer que não vai ter filmagens, santo Deus?

SENADOR - Tou maquiada desde ontem...

DIRETOR - Não vai ter filmagens e fim de papo. Onde está o sol, cacete?

TUBAÍNA - Vamos embora...

PRODUTOR - Tem que filmar de qualquer maneira. (ergue as mãos para o céu) O aluguel da máquina, o preço disso aqui, a complementação da Embra que ainda não saiu...

DIRETOR - Diz que sai na semana que vem... Falta só umas assinaturas.

PRODUTOR - (prossequindo)... o dinheiro que foi gasto, todos esses figurinos... A gente tem que filmar o nascer do sol de qualquer maneira.

DIRETOR - Mas se não tem sol, cacete! Onde é que eu vou arrumar um sol, agora?

PRODUTOR - A gente bota um holofote aqui, tapeia, quebra o galho... Vai parecer que é o sol nascendo... Tem que filmar! Aqui e agora!

CABRAL - Que ingratidão com os atores, meu Deus!

PRIMEIRA ATRIZ - Afinal, vai filmar ou não vai filmar?

SEGUNDA ATRIZ - Quinta ou sexta manhã que a gente vem aqui toda manhã... Vou dar um toque no sindicato. A gente acorda às quatro da manhã, fica horas na Lurdinha, maquinando, vem pra cá numa kombe cheirando a querosene, com essa puta roupa ridícula... Vou dar um toque no sindicato. (chora muito)

PRIMEIRA ATRIZ - Se fosse novela da globo, aposto que o sol pintava

SEGUNDA ATRIZ - (ainda chorando) Nem diga...

SENADOR - Meu Deus, maquiada desde ontem... Dormi olhando para o teto, imobilizada, para não borrar. E nada...

O Produtor, enquanto os atores falavam, andava de um lado para o outro, Dos Passos percebe o problema dele e vai até lá. Segura ele pelo braço. Começa a falar no ouvido dele. Tubaina se preocupa porque percebe que, de vez em quando, o Produtor olha para ele.

SENADOR - Por isso que eu gosto mais de teatro. Colocam logo um bom dum sol de isopor e não se fala mais nisso. Passa uma tintinha...

PRIMEIRA ATRIZ - Esse filme não vai acabar nunca!

CABRAL - O pior é que eu não entendi o roteiro até hoje. A parte política, meu Deus... Tão careta. A visão que ele (do Diretor) tem do Pedro Álvares Cabral é tão careta. Imaginem vocês que ele parte do principio que Colombo era português também...

SEGUNDA ATRIZ - (para o Diretor) O que você acha?

DIRETOR - Quero um sol. Sem, sol eu não pinto.

Produtor se apresenta.

PRODUTOR - Pronto, vamos filmar. Tive uma idéia! Uma idéia do cacete!

Close em Tubáina.

DIRETOR - Não vim filmar idéias. Vim filmar o nascer do sol! Exijo o nascer do sol!

PRODUTOR - Posso explicar? Posso? Temos uma grande oportunidade de filmar uma cena genial. Surgiu uma opção!

DIRETOR - Opção... Opção... Não filmo opção! Cinema é ação. Quero o sol!

PRODUTOR - Por favor, Paulo José, uma opção! É do cacete!

Close em Tubaina

DIRETOR - E o sol? Cadê o sol? Me arranja um sol, que eu topo!

PRODUTOR - Não tem sol nenhum. Não tá vendo que eu não posso parir um sol para você dirigir?

DIRETOR - Fabrica um. Crie um. "Seje" criativo!

OPRODUTOR - Quem tem que fabricar é você! É seja.

DIRETOR - Eu, uma ova! O que é que é seja?

PRODUTOR - Pois vamos filmar assim mesmo. Não tenho sol, mas arrumei uma coisa melhor.

DIRETOR - Eu quero o sol! Tá escrito aqui, no meu roteiro: cena 27, exterior, dia, praia, nascer do sol. O que você tem que colocar na cabeça, meu filho é que o filme se chama A ADORAÇÃO DO SOL!

DOS PASSOS - (que, a essa altura, já estava entre os dois, seguindo a discussão) Não há sol, mas há uma idéia!

DIRETOR - E você que vá para o caralho!

DOS PASSOS - Exatamente. É isso que eu proponho!

PRODUTOR - Está entendendo, Paulo José? Um caralho no lugar do sol! Genial!

Enquanto eles vão levando esse papo, Tubaina percebe o que se passa. Vai se mandando com o embrulho. Mas o Produtor vai até ele.

PRODUTOR - O senhor vai ficar aqui. A idéia é mesmo genial!

DOS PASSOS - (à parte, para Tubaina) Vamos ganhar um dinheirinho fácil! A idéia foi minha, o Pilatos é seu, a gente racha. Rachid. Meio a meio. De hoje em diante eu sou empresário do seu... pênis! Eu tenho idéias: um pau na mão é uma idéia na cabeça.

DIRETOR - Mas você não acha que isso muda um pouco a história? A idéia original?

PRODUTOR - Em absoluto! Em absoluto! Cinema é isso: criatividade!

DIRETOR - Pode ser... Pode ser. Pode ser!

PRODUTOR - (para Tubaina) A cena é o seguinte: são duas virgens púberes que vão adorar o sol, sol este que entra na campanha política de um velho senador corrupto que se uniu aos latifundiários e aos generais que querem vender a Amazônia ao capital estrangeiro. Uma destas virgens é filha de um operário barbaramente torturado.

DIRETOR - Entenderam a mensagem? É um filme de esquerda, uma filme de resistência, mora!

TUBAINA - (para Dos Passos) Mas você não disse que é radical de direita?

DOS PASSOS - Até certo ponto. Quando falam em contra-cultura, eu sempre penso no meu contra-cheque!

PRODUTOR - Acho ele (Pilatos), melhor que o sol.

SENADOR - Nem diga! Nem diga!

TUBAINA - Tem uma coisa: dentro do vidro!

DIRETOR - Não, não! É fora do vidro. Vou fazer um close desse tamanho!

Tubaina ameaça reagir, mas leva um cutucão de Dos Passos. Tubaina abre o embrulho. Todos em volta, curiosos. O Diretor destampa e o pega, de cabeça para baixo.

DIRETOR - Que maravilha! Isso vai fazer um sucesso desgraçado! O Império dos Sentidos vai ser pinto! Obrigado, Arruda. Obrigado, pela idéia! Cinema é isso, idéia! Quero ver o que a crítica reacionária vai dizer.

PRODUTOR - E os engajados, então?

A Primeira Atriz vem ver. Está toda vestida com as cores da bandeira nacional. Ela fica olhando para aquele pau de cabeça (literalmente) para baixo.

PRIMEIRA ATRIZ - De cabeça para baixo, não. Me recuso ficar ajoelhada diante disso!

TUBAÍNA - Disso?

O Diretor tenta colocar Pilatos de cabeça para cima, sem conseguir.

DOS PASSOS - Quem tem um arame, aí?

TUBAINA - (sentindo a dor) Não, arame, não.

O Produtor aparece com um arame. O Diretor enfia o arame em Pilatos e ele fica em pé, bonito. Dói no Tubaina.

DIRETOR - Um pouco de maquiagem que ele está um pouco pálido.

PRODUTOR - (enquanto o Diretor maquia Pilatos) Atenção, câmera, atenção todo mundo! Cena da adoração!

Luz vai caindo em resistência com as duas atrizes, de joelhos, se aproximando de Pilatos.

DIRETOR - Luzes, câmera, ação!

ATRIZES - Aleluia! Aleluia! Aleluia!

2° ATO

O voador e o convite

Tubaina está com Pilatos dentro do vidro, diante de um Banco. Dos Passos sai, puto da vida.

DOS PASSOS - Adivinha!..

TUBAÍNA - O que?

DOS PASSOS - Não tinha fundo...

TUBAÍNA - Quer dizer que "ele" trabalhou de graça?

Caminham

DOS PASSOS - Trabalhou. De graça... E o pior é que a gente não sabe onde achar eles agora... Cinema nacional é isso aí...

TUBAÍNA - Pilatos... Pilatos... A gente precisa ganhar dinheiro, Pilatos. Não temos nenhum, Pilatos! Você tem?

DOS PASSOS - Nada. Estava contando com o dinheiro do filme...

Continuam caminhando em silêncio.

DOS PASSOS - E então, quer ir morar conosco?

TUBAÍNA - Depende... Talvez... Não sei. Estou com sono.

DOS PASSOS - Mas o que é que você quer mais? Não tem um tostão, não tem onde dormir... Vai ficar andando o dia inteiro com esse troço nas mãos? Vamos lá. É casa grande. Ou melhor, não é tão grande assim, mas tem um bom quarto. A cama é larga e dá para nós dois.

Saem dois terroristas que acabaram de assaltar o Banco. Passam por eles correndo. Saem dois seguranças lá do Banco e começam a atirar. Eles deitam-se no chão, no meio do tiroteio. A Polícia mata os terroristas. Dos Passos e Tubaína se levantam e passam pelos mortos.

DOS PASSOS - Odeio terroristas! De esquerda, é claro!

Policiais levam os dois terroristas.

DOS PASSOS - (como se nada tivesse ocorrido) Conforme eu ia dizendo, é um bom quarto, a cama é larga e dá para nós dois.

TUBAÍNA - E os outros?

DOS PASSOS - Que outros?

TUBAÍNA - Você falou que tinha outros na sua casa. Você sempre fala em "vem morar conosco", "vem conosco", "nós"...

DOS PASSOS - Muito difícil de explicar. Só tem eu. Me deixam dormir lá, em troca de alguns favores. Já te disse que sou fascista. Fascista convicto! Estou na miséria física, mas não na miséria moral. Você entende de política?

TUBAÍNA - Nada!

DOS PASSOS - Ótimo! Odeio quem entende de política! Isso torna desnecessário que eu precise dar algumas informações para você. Quero apenas que fique a par do que está acontecendo.

Das masturbações

DOS PASSOS - É um Coronel que foi expulso do Exército por atividades nazistas, durante a segunda guerra. Ele é espírita também. Mas isso não vem ao caso no momento. É politicamente que eu e ele nos entendemos. De vez em quando vem mais gente aqui, como eu. Somos uma espécie de tropa de choque do Coronel. Todo mundo vai gostar de você e você será um dos nossos. Você está me entendendo?

TUBAÍNA - Mais ou menos...

DOS PASSOS - Então vamos dormir que eu estou morrendo de sono.

TUBAÍNA - Eu também. Temos que ver um jeito de ganhar dinheiro. Algum dinheiro.

Os dois se deitam. Tubaina com o vidro no meio das pernas. Luz vai caindo para uma pequena passagem de tempo. Volta a luz com o Tubaina pulando da cama e gritando.

TUBAÍNA - Canalha! Seu canalha!

DOS PASSOS - Deixa! Deixa! Eu preciso colocar isso em algum lugar...

TUBAÍNA - Vai enfiar na mãe! Vamos com calma! Com muita calma! Vire esse... instrumento pra lá.

DOS PASSOS - Eu não posso ficar sem ejacular, entende? Nenhum dia! Não posso ficar!

TUBAÍNA - Eu não sou viado, cara! Não tenho pau, mas não sou viado! Uma coisa não tem nada a ver com a outra! Se vira, bate uma, sei lá! Se vira! Eu, hein?

DOS PASSOS - (depois de pensar um pouco) É isso!

Vou bater uma!

Dos Passos vai para o banheiro. Tubaina pega o vidro, desembulha. Fica olhando para Pilatos. Pensa em dizer alguma coisa. Mas começa a chorar. Ouve-se a ofegância de Dos Passos no banheiro. Tubaina enxuga as lágrimas. Tubaina fica sozinho, se ajeita novamente para dormir. Logo volta Dos Passos.

DOS PASSOS - Ufa!...

TUBAÍNA - Outra!

DOS PASSOS - Outra o que?

TUBAÍNA - Outra, vai!

DOS PASSOS - Mas eu acabei de bater uma! Dá um tempo, cara!

TUBAÍNA - Ou bate outra ou eu vou embora e você não vai mais ser meu empresário. Ou melhor, não vai mais ser empresário dele!

DOS PASSOS - Tá bem... Daqui a meia hora.

TUBAÍNA - Tem que ser agora!

Dos Passos vai. Tubaina procura alguma coisa. Dos Passos volta mais fatigado ainda. Enquanto ele estava lá dentro, Tubaina arrumou um pedaço de ferro e ficou aguardando ele sair.

TUBAÍNA - Volta! Mais uma!

DOS PASSOS - Clemência! Não posso... Considere a minha idade, pelo amor de Deus! Não tenho a mínima condição! Peça arrego. Está acima das minhas forças.

TUBAÍNA - Ou vai ou eu te racho! Pega alguma revista, use a imaginação!

Dos Passos, fatigado, volta para o banheiro. Depois volta com uma revista de Turfe nas mãos.

DOS PASSOS - Por favor, assim não dá. A única revista que encontrei foi essa revista de turfe...

B.O.

O grande sonho

A cena deve dar a idéia de um sonho, no que tange à luz, figurino, marcação, música e interpretação. É um sonho, não é uma realidade. É um sonho/monólogo com Dos Passos. Enquanto ele vai dizendo o texto dele, temos uma ação na casa de Deise. Tubaina dorme e Deise está a admirar Pilatos dentro do vidro. As duas cenas são misturadas. Mas é como quem estivesse sonhando fosse o Tubaina, como se Tubaina estivesse vendo, num sonho, o discurso de Dos Passos. Pilatos está numa espécie de altar na casa de Deise. Só no final da cena é que Deise vai colocar o vidro na cama e começar a cena dela.

DOS PASSOS - Basta apenas um pouco de dinheiro e muita cabeça! Nós vamos lá no alto do Corcovado, de noite, e explodimos a estátua do Cristo Redentor. Destruída a imagem, nós fazemos um monumento a "ele" e colocamos lá em cima. Evidentemente que precisa ser uma réplica enorme, que possa ser vista de longe, apontando para o céu. Um troço do tamanho de Cristo. De noite será super-iluminado. Turistas irão visitar ele. O caralho será o símbolo do povo deste país, o símbolo desta cidade, o símbolo deste país. O símbolo do país: um pau rijo, duro, erguido para o céu. O cartão postal do país! (pausa, pensa) Vamos precisar de dinamite para destruir o atual Cristo Redentor. Verba para movimentar a opinião pública à favor da ideia. Dinheiro, para subornar as autoridades. Precisamos contratar uma boa agência de publicidade, interessar as classes produtoras, o clero, os órgãos oficiais de turismo, as Forças Armadas, convencer o doutor Roberto Marinho a fazer um Globo Reporter. (pausa, pensa) Agora, não adianta só fazer a estátua dele. É preciso que dentro desta estátua imensa, esteja o verdadeiro Pilatos, para justificar o empreendimento. (olhando para o vidro) Você será conservado dentro de uma ampola de cristal, ao pé do monumento. Na realidade, o Pilatos de concreto será uma espécie de sacrário que abrigará um pau verdadeiro de carne e osso. Conheço o mundo. Em Nápolis, tem uma Igreja que te um coração e que, de vez em quando, sai sangue. Maior truque! Fica assim de gente! Pois você, Pilatos, todo noite de carnaval, toda terça-feira de carnaval, você, Pilatos, diante dos olhos de milhares de turistas do mundo todo, você vai, Pilatos, você vai ejacular!

Por algum efeito de luz, passamos do sonho para a realidade, com o súbito acordar de Tubaina. Voltamos à realidade. Dos Passos sumiu. Deise continua a olhar para Pilatos no altar.

TUBAÍNA - (sentado na cama, para ele mesmo) A idéia é boa, mas não ia dar certo. A prefeitura ia acabar tomando conta do negócio e a gente ia continuar na miséria. Logo iam criando um instituto, alguma coisa, para tomar conta dele, filho de militar não ia pagar pra ver, por aí.

DEISE - O que?

TUBAINA - Nada. Sonhei.

Tubaina volta a dormir.

Um jogo de luz leva esta mesma cena para a seguinte.

DEISE, ATO DOIS

Tubaina dormindo na cama de Deise. Ela está admirando Pilatos. Continuação imediata da sequência anterior. Ela pega o vidro, leva para a cama e fica olhando. Ela ameaça pegar Pilatos que bóia lá dentro. Ela quer, mas tem medo, pecado, culpa, religião. Abre o vidro.

DEISE - Pega... Pega... Pega... (mas não pega) Meu Deus, que complexo de culpa, meu Deus! Pega, mulher, é pinto morto, é pinto frio! Não pode ser pecado uma coisa dessas! (meiga, consigo mesma) Pega, bobinha, pega... Eu sei, Pilatos, que você quer que eu te pegue... Eu sei que você deixa. Eu vou pegar! Quer ver? (enfia a mão lá dentro, mas não pega) Sabe como é que é na minha cabeça? Eu tenho medo de pegar você e você crescer na minha mão, ir ficando grande, grande, como daquele soldado...

Deise começa a chorar. Tubaina acorda. Vê que o vidro está destampado.

TUBAÍNA - (meigo, amigo) O que foi? Por que que ele está destampado?

DEISE - Eu queria pegar, mas não consegui.

TUBAÍNA - Bobagem. Pode pegar. Eu deixo. Não cobro mais caro, não.

DEISE - Não é pelo dinheiro, não. É que eu não tenho mesmo coragem de pegar um... um negócio desse, nem com ele morto!

TUBAÍNA - Morto, o caralho! (Tubaína enfia a mão e pega) Veja! Pega...

DEISE - Não consigo.

TUBAÍNA - Então faz só carinho... Passa a mão devagarzinho... (ele passa o dedo, de leve, carinhoso, com amor, sem sacanagem) Tá vendo? Não morde. Não acontece nada. Vai, passa. Você vai gostar. Ele tá tão fresquinho... (ela passa o dedo, de leve, com muito medo) Agora pega com a mão toda, pega, vamos.

DEISE - Não, eu não consigo, Tuba! (começa a chorar novamente)

Ela se levanta, pega um dinheiro e dá para ele.

DEISE - Toma! Leva ese dinheiro e nunca mais me apareça aqui. Nem você, nem ele.

TUBAÍNA - Não precisa pagar.

DEISE - Mas eu quero pagar.

TUBAINA - Mas não precisa. Me dá prazer ficar um pouco toda semana, dormir bem, sonhar com as loucuras do Dos Passos... Eu gosto daqui.

DEISE - Verdade? Não acredito. Sou tão feia... nem consigo pegar nele...

TUBAÍNA - Feio sou eu, que nem tenho ele.

DEISE - (limpando as lágrimas) Imagina, bobinho... Toma o dinheiro. Sei que você está duro.

TUBAINA - Não, no duro. Se você deixar, eu volto toda semana. Sem pagamentos...

DEISE - Você é quem sabe. Eu gosto de você, sabia? (alisa o rosto dele) No seu rosto eu tenho coragem, olha aí.

Ela sorri para ele. Ele sorri para ela. Ele abre a blusa dela e os seios saltam para fora. Ele pega Pilatos e o passa, muito de levemente nos seios dela que vai delirando muito levemente também. A luz vai caindo com esse carinho de Tubaína ao mesmo tempo que foi subindo música romântica. No finalzinho da luz, se percebe que eles se abraçaram.

Música, divina música

Quarto do Dos Passos. Tubaina trocando o álcool e o éter do Pilatos numa cerimônia quase cristã. Entra Dos Passos, enrolado numa toalha.

DOS PASSOS - Tubaina, você quer me explicar o que significa isso aqui no sabonete?

TUBAÍNA - (olhando) O que?..

DOS PASSOS - Isso aqui, ó, quê que é?

TUBAINA - Tem cara de pentelho, né?

DOS PASSOS - Tem cara, não! É um pentelho! E seu! Seu!

TUBAINA - E daí? Qual é o problema?

DOS PASSOS - O problema é que eu nunca vi um pentelho deste tamanho, cara!

Dos Passos estava o pentelho: tem uns cinquenta centímetros. Tubaina acaba o serviço ao mesmo tempo.

TUBAINA - Olha aí. Parece outro. Olha a cara de alegria dele.

DOS PASSOS - Tubaina, eu estou falando com você, cara! Como é que se explica um pentelho de cinquenta centímetros? Deixa eu ver o resto.

TUBAINA - O que é isso, Dos Passos? Vai começar com aquela viadagem de novo? Cadê a revistinha de turfe?

DOS PASSOS - Viadagem coisa nenhuma! Deixa eu ver, deixa.

Tubaina senta-se na cama, abaixa as calças.

TUBAINA - Eu vou deixar porque eu também estou começando a ficar preocupado com isso. Desde que me arrancaram o Pilatos, que eles não param de crescer. Deve ter alguma relação.

DOS PASSOS - Puta que os pariu!!! Olha só, cara!

TUBAINA - Deve ter alguma relação com a operação.

DOS PASSOS - Sem dúvida alguma. É claro que eles não eram assim antes, né?

TUBAÍNA - Normais... Como os que você deixa no sabonete.

DOS PASSOS - Tive uma idéia! Uma grande idéia!

TUBAÍNA - O que é? Vai colocar os meus pentelhos também para fazer cinema?

DOS PASSOS - Grande idéia! (fica olhando) Posso pegar?

TUBAÍNA - Onde?

DOS PASSOS - Neles, cara! Por favor... Acho que isso não é nenhuma viadagem, pegar nos pentelhos dos outros. Só nos pentelhos, é claro. Prometo nem encostar na torneirinha. Por favor...

TUBAÍNA - Fique à vontade...

DOS PASSOS - (pegando e esticando) Veja! Veja como são grandes! Estupendo! Maravilhos! Vamos fazer um dinheirão. Tem uns que crescem mais de meio metro, olha aí. E não é só isso, não. Veja a espessura, veja. Pega... Uns são grossos, outros mais finos... outros finíssimos. Vai ser formidável, Tubaina! Formidável!

Dos Passos vai a um canto e pega um velho violino, sem cordas.

DOS PASSOS - Vou fazer um violino com os seus pentelhos! Um violino afrodisíaco!

TUBAÍNA - Pirou, cara!

DOS PASSOS - Um violino com propriedades afrodisíacas! Um som que vai despertar os sentidos e promover bacanais homéricas! Ninguém resistirá ao seu som. Em todo o mundo, em todo folclore que se preza, tem um violino mágico. Todo, pode ver. Menos neste país. Pois muito bem, nós também vamos ter o violino mágico. Por favor, companheiro, se prepare, relaxe. Preciso dos seus pelinhos. Seis.

TUBAÍNA - Seis? Quantas cordas tem um violino?

DOS PASSOS - Isso é irrelevante. Prenda a respiração e seja o que Deus quiser.

B.O. Grito de dor de Tubaina no escuro.

Na Igreja Católica, Apostólica Mineira

Tubaína e Dos Passos chegam diante de um pequeno altar católico. Já estão com o violino pronto.

TUBAÍNA - Isso não vai dar certo...

DOS PASSOS - Escuta, Tubaína, isso aqui é uma igreja, o altar de uma igreja. Igreja Católica, Apostólica, Mineira.

TUBAÍNA - Você está louco!

DOS PASSOS - O Bispo, o Bispo Dom Geraldo Magela, é antigo companheiro de direita, fascista, também. Morou muito tempo lá na casa do Coronel. Como estava duro, inventou essa Igreja. Faz casamento de separados, batizados e já tem mais de mil seguidores que pagam dízimos mensais, está entendendo, cara?

TUBAÍNA - Isso não vai dar certo...

Entra Sic Transit, um velho, que é o sacristão de Dom Geraldo Magela.

SIC TRANSIT - (sempre falando com muita dificuldade) Meu bom e velho Dos Passos!

DOS PASSOS - Sic Transit Gloria Mundi! Tubaína, esse é o famoso Sic Transit de quem já lhe falei. Assistente, coroinha e cúmplice de Dom Geraldo Magela. Principalmente cúmplice!

SIC TRANSIT - E então? Encantado. E então, este é o tal do violino? (pega) Vieram num ótimo dia. Dom Geraldo Magela vai ordenar duas freirinhas hoje.

TUBAÍNA - Isso não vai dar certo.

DOS PASSOS - Ótimo! Faremos a cerimônia ao som do violino afrodisíaco. Se der certo com as freirinhas, dará com todo mundo. Tuba, ficaremos ricos! Muito ricos!

Solenemente, ao som de música de Igreja, vai entrando Dom Geraldo Magela, vestido de Bispo e as duas freirinhas, logo atrás. Uma coisa cheia de cerimônias. Sic Transit coloca-se na sua posição. Começa a soltar aquelas fumacinhas.

TUBAÍNA - (assim que viu o Bispo) Isso não vai dar certo mesmo!..

As duas freiras se ajoelham diante do altar onde estão Dom Geraldo Magela e Sic Transit. Tubaina e Dos Passos ficam à direita do altar.

DOM GERALDO - Irmãs, eu, Dom Geraldo Magela, em nome da Igreja Católica, Apostólica, Mineira, as saúdo e dou graça. Regina Coeli, laetare Alleluia.

FREIRINHAS - Quia, quem meruisti portare, Alleluia.

DOM GERALDO - Ressurrexit, sicut dixit, alleluia!

FREIRINHAS - Ora pro nobis, Deum, alleluia!

DOM GERALDO - Gaude et laetare, Virgo Maria, alleluia!

FREIRINHAS - Quia surrexit, Dominus vere, alleluia.

Dom Geraldo faz um sinal pra Sic que faz o mesmo sinal para Dos Passos. É o sinal para começarem a tocar o violino afrodisíaco. Dos Passos começa, enquanto Dom Geraldo vai dizendo o texto que segue.

DOM GERALDO - Eu voz adoro, meu Deus e vos amo de todo o coração. Agradeço-vos por me terdes criado, feito cristão e conservado nesta noite. Ofereço-vos as ações deste dia, fizeti que sejam todas segundo vossa santa vontade, pra maior glória vossa. Preservai-me do pecado e de todo o mal. Esteja vossa graça sempre comigo e com todos os meus caros.

Quando ele falou "ofereço-vos as ações deste dia", Sic Transit se aproximou mais dele, de joelhos e começou a passar a mão na bunda dele. Dos Passos cutuca Tubaina para que ele veja. Quando ele falou "preservai-nos do pecado", as duas freirinhas, uma colocou a mão no ombro da outra. Elas estão de costas para o público. Dos Passos enfia a mão dentro da calça. Dom Geraldo vai dizer mais um texto. Quando ele terminar, vai estar a maior sacanagem no altar que só será interrompida com a chegada da Polícia. Mas antes vai ser um tal de freira levantar saia, nego passar a mão, etc. Dos Passos toca e faz sacanagem ao mesmo tempo. O barato do Tubaina e chacoalhar o vidro com Pilatos dentro.

DOM GERALDO - Jesus Cristo, Senhor Nosso, Deus de bondade e Pai misericordioso, eu me apresento diante de vós com o coração humilde, contrito e compungido: recomendo-vos minha última hora e o que depois dela me espera. Quando meus pés imóveis me advertirem que minha carreira neste mundo está próxima a terminar, ó misericordioso Jesus!

TODOS - Tende piedade de mim!

Tubaína chacoalha seu vidro com Pilatos, várias vezes.

TUBAÍNA - Pilatos! Pilatos!

DOM GERALDO - Quando minhas mãos trêmulas e entorpecidas já não puderem sustentar vossa Imagem Crucificada e, a meu pesar, a deixar cair sobre o leito das minhas dores, ó misericordioso Jesus!

TODOS - Tende piedade de mim!

TUBAÍNA - Pilatos! Pilatos!

DOM GERALDO - Quando meus olhos, já vidrados e ofuscados pelo horror da morte iminente, se fixarem em vós, com olhar lânguido e...

Dom Geraldo vê a Polícia entrando e dando tiros para cima. Todos param na posição que estavam.

POLICIA I - Estão todos presos!

POLICIA II - Subversivos! Comunistas!

POLICIA I - Comunistas! Agitadores!

POLICIA II - Profanadores!

POLICIA I - Iconoclastas!

POLICIA II - Escatológicos!

POLICIA 1 - Estão todos presos!!!

DOS PASSOS - Posso explicar? Sou radical de direita! Sou fascista! Tenho amizades!

Leva uma bordoadada na cabeça com o violino que espatifa.

POLÍCIA I - Vão se explicar na Policia Federal! No Dops!

TUBAÍNA - Eu sabia que isso não ia dar certo...

Nos porões da ditadura

Estão os quatro numa cela. Aparentemente, todos dormem. A cena vai começar na escuridão total, com a locução.

Sutilmente, vamos ver a cena de Sic Transit com Tubáina e Pilatos.

LOCUÇÃO - A Câmara dos Deputados ratificou o decreto-lei estabelecendo a censura prévia em livros e periódicos. * Um Caravelle da Cruzeiro, que voava de Montevideo para o Rio de Janeiro foi desviado para Cuba por cinco integrantes da VAR-Palmares. * Marcio Alves de Souza Vieira, líder do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), foi encontrado morto nas dependências do Iº Batalhão de Polícia do Exército no Rio de Janeiro.

Durante o texto acima Sic Transit está de olho no vidro de Tubáina. A cena é meio na penumbra. Ele vai se aproximando lentamente, abre o vidro, tira Pilatos para fora, olha, cheira, levanta para cima e vai descendo com ele lentamente para a sua boca já aberta. Tubáina vê, pula em cima dele, arranca Pilatos dele, dá um empurrão nele, guarda Pilatos dentro do vidro e diz:

TUBAÍNA - Se encostar de novo neste vidro eu te mato, filho de uma puta!

Pequeno B.O. e a luz volta. Já se passou um dia. Sic está fazendo, com carvão, um risquinho de um dia de prisão. Estão os quatro e o vidro.

DOS PASSOS - Fiquem tranquilos que vamos sair logo.

TUBAÍNA - Todo mundo aqui é comunista?

DOS PASSOS - Todos! Comunistas! Subversivos! Temos que agir como se também a gente fosse. Porque, se os presos comunistas descobrem que a gente é radical da direita aí é que ferra mesmo! Mas fique tranquilo, Tuba, vão nos soltar e ainda vão nos pedir desculpas!

DOM GERALDO - Que vergonha, meu Deus! Preso como comunista e ainda por cima, vestido assim!

B.O. para nova locução.

LOCUÇÃO - Anunciado o envio de tropas do Exército, Marinha e Aeronáutica para o Vale do Ribeira para combater um pequeno grupo guerrilheiro liderado por Carlos Lamarca. * Foi encontrado o corpo do operário Olavo Hanses que havia sido preso há uma semana. O corpo estava mutilado num matagal.

Quando volta a luz, Sic está fazendo o risquinho de número vinte na parede. Estão bem sujos, mal, moral lá embaixo, vinte dias depois.

TUBAINA - Vinte dias! Olha só a cor do álcool do Pila!

DOS PASSOS - Logo mais nos soltarão. Logo mais essa porta vai se abrir e a liberdade inundará nossas fronteiras! (a porta se abre) Não disse?

Jogam um jovem lá dentro: Otávio, todo arrebitado, sangrando, acabou de ser torturado.

TUBAINA - Tá meia machucada a liberdade!

DOS PASSOS - Tudo bem, companheiro?

B.O. para nova locução.

LOCUÇÃO - Criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização, o Mobral. * Preso em São Paulo o dirigente da ALN, Joaquim Câmara Ferreira, o Velho ou Toledo: foi morto logo depois num sítio na periferia da cidade. * Início da construção da Transamazônica.

Quando volta a luz, já se passaram três meses e nossos heróis estão em frangalhos. Sic Transit marcando três meses na parede.

SIC TRANSIT - Três meses, companheiro! Três meses!

TUBAÍNA - Olha a cor do Pilatos... (a água está completamente marrom. Não se enxerga Pilatos lá dentro)

DOS PASSOS - Não se preocupe. Logo sairemos daqui.

TUBAÍNA - (referindo-se a Pilatos) Pode pegar um vírus, uma constipação...

Dom Geraldo, aos farrapos, se aproxima de Otávio.

DOM GERALDO - E você, rapaz? Há mais de dois meses aqui e não deu uma palavra ainda. Qual é a sua? Var-Palmares, MR-8, ALN, qual é, hein?

DOS PASSOS - Deixa o rapaz em paz, Dom Geraldo.

DOM GERALDO - Esse silêncio dele me intriga. É o que mais apanha, o que menos fala!

A porta se abre, entra um guarda.

GUARDA - Levantem, seus bostinhas! Podem ir embora! Todos! Vão pra rua, seus energúmenos!

Eles não reagem nem com alegria, nem comn tristeza. Todos se entreolham. Tubaina pega o seu vidro, assopra a poeira, coloca debaixo do braço. Dos Passos pega o violino completamente arreventado, resolve não levar. Joga fora. Otávio é a último a sair. Apaga a luz.

O incrível exército Brancaleone

São cinco maltrapilhos andando pela rua. Piores que mendigos e miseráveis.

DOM GERALDO - Que bispo de merda que eu virei...

Se eu arrumasse uma batina nova, podia enganar uns trouxas. A verdade é que a gente tá mal mesmo! (para Dos Passos) Você é um bosta que nem quarto tem mais. (para Sic) Você só pensa em comer pão e dormir. (para Otávio) Você é surdo e mudo e a gente não sabe nem o seu nome... (para Tubaina) Você não tem nem...

OTAVIO - (corta) Talvez eu possa quebrar o galho de vocês por um ou dois dias.

TUBAÍNA - Ele fala! Ele fala!

Todos ficam olhando admirados para Otávio. Dom Geraldo fica invocado.

TODOS - Ele fala! Viva! Viva!

DOS PASSOS - Mas é um milagre! Eu sabia que quando a coisa engrossasse aqui fora você ia ajudar a gente.

DOM GERALDO - Var-Palmares, MR-8 ou...

OTAVIO - (cortando) Por esta noite eu posso garantir.

TUBAINA - Como é o seu nome?

OTAVIO - Otávio. Comida eu não prometo, mas teto, acho que não vai ter problema.

DOM GERALDO - É seguro?

Otávio abre os braços, como quem diz: "sabe-se lá"...

O incrível exército Brancaleone sai se arrastando. Dom Geraldo segura Dos Passos pelo braço.

DOM GERALDO - Vamos devagar com esse cara que ele deve ser comunista dos piores. Pra apanhar do jeito que apanhou...

DOS PASSOS - Se ele fosse tão perigoso não tinham soltado ele. Tubaina coloca o braço no ombro de Otávio.

TUBAÍNA - Otávio, lá tem um pouquinho de álcool?

Todos num aparelho

Os cinco chegam diante de uma porta. Otávio se adianta e dá três pancadinhas perto da fechadura. Uma senha, nítida. Do outro lado, respondem com pancadinhas idênticas. Otávio tira uma chave do bolso e arranha a fechadura. De dentro, fazem a mesma coisa. Os quatro estão com capuzes. Otávio tira os capuzes deles. Entram. O local está meio escuro. Fecham a porta. Tem duas mulheres do lado de dentro. Em silêncio, abraçam Otávio friamente.

MULHER 2 - Estamos aí, companheiro!

DOM GERALDO - Não estou gostando nada disso. Esse papo de companheiro eu conheço muito bem.

MULHER 1 - Cala a boca, companheiro!

Continuam andando, como se estivessem num corredor. Nova porta se fecha atrás deles.

MULHER 2 - Estão todos aí?

OTÁVIO - Estão. Fiquem tranquilas. São de confiança.

MULHER 2 - Muito bem. Acendam as luzes.

Fica claro. Estão os cinco e as duas mulheres.

DOM GERALDO - Isso é uma cilada! Estamos presos de novo!

TUBAÍNA - Otávio, e o álcool?

OTÁVIO - Como, presos? Trouxe vocês aqui para dormirem. Não foi o que eu prometi? E vou ver se consigo alguma coisa

para comer. Vocês não têm o que reclamar. É ficar aqui ou dormir lá fora.

DOS PASSOS - Isso é um aparelho.

MULHER 2 - Sem perguntas, por favor. Pode-se mesmo confiar neles, Diogo?

DOM GERALDO - Diogo?

MULHER 1 - Agora ninguém mais pode sair.

DOM GERALDO - Estão vendo? Estamos presos!

MULHER 1 - Questão de segurança, companheiro.

MULHER 2 - Se quiser pensar que está preso, pode.

OTÁVIO - Fiquem à vontade. Amanhã a gente conversa.

As duas mulheres saem.

DOS PASSOS - Mas o que é que está acontecendo?

TUBAÍNA - Otávio, e o álcool?

DOM GERALDO - Afinal, é Otávio ou Diogo?

OTÁVIO - Vocês estão na pior. Iam dormir na rua e seriam presos novamente. Eu estou oferecendo o que eu posso e o que eu posso é isso aqui. Sem perguntas, por favor.

TUBAINA - Só uma. E o álcool?

OTÁVIO - Vou ver se arrumo alguma coisa para vocês comerem. Não esperem muito.

TUBAINA - Por favor, moço: um litro de álcool com iodo, pode ser? Olha só, não dá nem pra ver o bruto... Tá parecendo um velho...

OTÁVIO - Vou ver o que eu posso fazer.

Otávio sai.

DOM GERALDO - Se vocês querem saber, a gente estava melhor lá fora. Isso aqui é a maior fria.

DOS PASSOS - Não gostei do jeito que as mulheres me olharam.

SIC TRANSIT - Maior fome...

Pequeno B.O.

Entra Mulher 1 com um embrulho. Todos rodeiam. Ela abre. Além do pão, tem queijo e presunto.

MULHER 1 - (para Tubaina) O que que tem dentro deste embrulho?

TUBAÍNA - Um caralho, minha senhora! Um caralho!

MULHER 1 - Engraçadinho. Vamos mostrando. (tira uma arma) Questão de segurança interna.

DIOM GERALDO - Um momento, minha filha!

MULHER 1 - Quietos aí. Não sei onde o Diogo estava com a cabeça.

Entra Otávio com um vidro de álcool e outro de iodo.

OTÁVIO - Consegui, Tubaina. Iodo e álcool.

MULHER 1 - Meu Deus, um molotov a menos...

Otávio e Tubaina vão até a lata. Mulher 1 vai atrás para olhar. Tubaina joga o líquido sujo numa lata que estava por ali. Tubaina levanta Pilatos e dá uma balançadinha nele espirrando líquido na Mulher 1 que dá um gritinho histérico. Otávio joga os dois líquidos novos no vidro, numa operação química ginásiana. Tubaina admirando o próprio pênis.

MULHER 1 - Se as bases ficam sabendo...

TUBAINA - Está outra coisa! Obrigado, Otávio.

MULHER 1 - Diogo!

Otávio puxa a Mulher 1 para fora.

MULHER 1 - (para Dos Passos) Estou de olho em você. Já te vi em algum lugar.

Saem os dois.

DOM GERALDO - Eu sugiro a gente sair daqui o mais rapido possivel. Estamos dentro de um aparelho da extrema esquerda e tudo pode acontecer. Viu ela falando em coquetel molotov?

TUBAINA - O que é isso?

DOM GERALDO - Imagina você colocar um pavil fora deste vidro, colocar fogo no pavio e jogar o vidro longe. O que é que aocntece?

TUBAINA - Linguíça frita...

DOM GERALDO - Eles estão cheios de armas. Sinto no ar. Fuzis, granadas, um arsenal! Devem ser especialistas em assaltos a bancos para financiar guerrilhas. Se eles descobrem o seu passado de integralista, Dos Passos...

DOS PASSOS - Pois eu acho que aquela mulher me reconheceu de algum lugar.

DOM GERALDO - Vamos fugir.

TUBAINA - Sou contra. O Otavio não faria nada contra nós. Olha como ficou bonito.

DOM GERALDO - E esse aí que só pensa no próprio pau?

DOS PASSOS - O Otavio só nos trouxe aqui porque acha que a gente também é comunista. Confio nele. É gente boa.

DOM GERALDO - Nunca gostei desse menino. Nunca.

SIC TRANSIT - (deitado num canto) Vamos dormir, ou não?

Entra Otávio e a discussão pára.

OTÁVIO - Quero ser bem claro. Arranjei isso para vocês por essa noite. Amanhã vocês vão sair bem cedo e vão ter que se virar. Logo cedinho vem aqui uma turma e vão levar vocês para fora da cidade. Esqueçam que estiveram aqui e, sobretudo, me esqueçam.

Otávio sai. B.O

Sem lenço, sem documento

Num lugar ermo, chegam os quatro encapuzados, com as duas mulheres.

MULHER 1 - Contem até 10 e podem tirar os capuzes.

MULHER 2 - Mas não se esqueçam de uma coisa: vocês não devem se lembrar de nada. Vocês não viram nada, não sentiram cheiro nenhum (cutuca Dom Geraldo) Principalmente o senhor. Guardamos muito bem a cara de vocês todos. Ouviu? (para Dos Passos) Todos!

MULHER 1 - Podem começar a contar.

As duas mulheres vão saindo.

MULHER 2 - (para a outra) Não sei onde o Otávio tava com a cabeça.

As duas agora saem correndo. Eles tiram os capuzes. Se olham.

DOS PASSOS - (dando uma geral no local) Precisavam deixar a gente fora da cidade, precisavam?

DOM GERALDO - Comunistas! O que importa é que a gente tá livre e eu tenho uma pista.

TUBAÍNA - Pista do que?

DOM GERALDO - Pista, uma pista, ora! Do lugar onde a gente tava. A gente dormiu perto da Brasil.

TUBAÍNA - Mas a Brasil é muito grande...

DOM GERALDO - Mas eu sei... mais ou menos.

TUBAÍNA - Mas pra que que você quer saber? O que que importa isso?

DOM GERALDO - Vou tomar umas providências.

Dos Passos e Tubaina se entreolham. Sic Transit abaixa a cabeça e sai andando.

DOS PASSOS - Ei velho, vai aonde que pensa que vai?

SIC TRANSIT - Pru Centro. Pedir esmola.

Os três se entreolham e começam a seguir o velho.

DOS PASSOS - (para Dom geraldo) Melhor não tomar providência nenhuma, Geraldão.

DOM GERALDO - E você? Você não é radical de direita? Um facista convicto?

DOS PASSOS - O Otávio nos ajudou.

DOM GERALDO - Precisamos resolver a nossa situação atual. Ninguém tem um tostão. Essa que é a verdade.

TUBAÍNA - (para Sic Transit) Saudades da Deise, Sic Transit... Será que ela se lembra de mim?

SIC TRANSIT - Mulher nenhum no mundo se esquece de um homem sem pau...

TUBAÍNA - Aquela tranquilidade de saber que não vai ter que gozar, que não vai ter que ficar de pau duro, que não vai ter que provar porra nenhuma...

DOS PASSOS - Pessoal, a gente tem que se organizar. O Sic Transit vai pedir esmola na rodoviária. Esse seu aspecto miserável infunde um certo respeito.

TUBAÍNA - Vou tentar o emprego de garçom naquele bar que eu te falei, lembra? O bar do tal do gringo.

DOS PASSOS - De noite a gente se encontra na República.

DOM GERALDO - Você, vai fazer o que?

DOS PASSOS - Procurar uns contatos. Ver se eu descolo algum. E você?

DOM GERALDO - Procurar uns contatos. Ver se eu descolo algum.

Cada um sai para um lado. Fica apenas Tubaina com seu vidro empilatado. Tubaina coloca o vidro no chão e senta-se em cima.

TUBAÍNA - Não foi por acaso que isso aconteceu comigo. Ficar sem você. Não, não foi. Tinha que ser comigo. Devia estar escrito em algum lugar. Eu sabia, desde que eu nasci, no interior da Bahia, que alguma coisa desse tipo ia acontecer comigo. Ou isso ou ficar cego. Tinha que ser comigo. Quem mais? Eu sou o símbolo, o exemplo dos homens sem pau! O símbolo daquele cara errado, daquele cara fudido, daquele cara submisso, daquele cara que abaixa a cabeça, daquele cara que leva porrada na cara e não reage, daquele cara que mente para ele mesmo, daquele cara que pensa que é feliz, daquele cara que pensa que... É isso que eu sou: um homem sem pau! Um homem sem pau que está

tentando viver às custas do próprio pau. Isso se o Dos Passos arrumar outra mamata daquela. Mas sem araminho, né, Pilatos? Sem araminho. Pilatos, você não sabe como eu gosto de você. Você não sabe o ciúme que eu tenho de você. Quando alguém te olha... Mas a Deise, não. A Deise... Acho que é porque ela nunca te pegou. Mas ela sim, eu deixaria pegar... (ele pega Pilatos nas mãos) Pilatos, Pilatos, por quanto tempo você vai conseguir viver aí dentro? O que é que eu vou fazer sem você depois, Pilatos? Hein, Pilatos? (chora abraçado a Pilatos)

No bar do Gringo

GRINGO - Tem prática no ramo?

HERÓI - Não...

GRINGO - Bem, não precisa ter muita experiência... Não cuspiendo nos pratos dos fregueses já está bom. Na frente deles... Escondido, pode. (ri dele mesmo, gargalha)

Tubaína ri do Gringo, do seu sotaque americano. Parece ser um bom cara bem bonachão. O Gringo, durante o papo tá comendo um enorme dum sanduiche. Deixa o sanduiche em cima da mesa e vai até a caixa registradora. Tubaína pega o sanduiche e dá uma mordida escondido. Gringo volta com uma nota na mão.

GRINGO - Toma. Vai tomar um banho, fazer a barba, cortar o cabelo, arrumar uma roupa qualquer, que seja mais limpa que esta. Volta logo porque lá pelas quatro horas, já começa chegar freguês.

TUBAÍNA - Muito obrigado. E, com o primeiro salário eu compro um bom dum par de sapatos.

GRINGO - Mas que salário? Quem foi que falou em salário? (gargalha)

TUBAÍNA - Ué, não vai ter salário?

GRINGO - Claro que não! O Ditinho não te colocou a par?

TUBAÍNA - Não... Nada...

GRINGO - Sou estrangeiro, não posso te empregar, entende? Tem os impostos, os encargos sociais, trabalhistas, sai tudo muito caro, eu não posso, entende? Oficialmente você será apenas o meu ajudante. Se algum fiscal passar por aqui, a gente diz que você é um parente - distante - da

minha mulher e que chegou do interior e os papeis ainda não estão prontos.

TUBAÍNA - E eu não vou ganhar nada?

GRINGO - Ganha... Ganha as gorjetas e a comida. O que que você quer mais? Não tá mais que bom? Além desse adiantamento que eu estou te dando de graça.

Pra lá de bom, rapaz!

TUBAÍNA - E onde é que eu vou dormir?

GRINGO - Isso é problema seu. Aceita ou não?

TUBAÍNA - E se eu dormisse aqui no chão mesmo, depois que o bar fechasse?

GRINGO - Não!

TUBAÍNA - Aceito!..

Apertos de mãos.

GRINGO - Maria do Carmo!

Entra a cozinheira.

GRINGO - Nosso novo garçom.

Gringo se retira. ela fica olhando para ele. Olha para o embrulho dele

CARMO - Você não vai trabalhar assim, vai?

TUBAÍNA - Não... Vou dar uma melhorada

CARMO - Vai precisar melhorar muito, hein?

TUBAÍNA - Posso guardar esse embrulho na geladeira? Já vi que é das grandes.

CARMO - O que é?

Ao fundo, vemos o Gringo ouvindo a conversa.

TUBAÍNA - Uma lembrança... Coisa pessoal. Pode estragar se ficar muito tempo fora da geladeira.

CARMO - Sei. É perecível.

TUBAÍNA - Deve de ser.

CARMO - Não vai empestar a cozinha, não?

TUBAÍNA - Magina... Jeito nenhum.

CARMO - Me dá.

TUBAÍNA - Deixa que eu levo.

Os dois entram com o vidro para dentro. O Gringo ficou meio invocado.

Enquanto isso na República

Quando volta a luz, vemos Sic Transit encostado no ângulo formado por duas paredes, na Praça da República. Dorme de roncar, em pé. De seus bolsos saem pacotes de biscoito e a ponta de um pão se destaca no seu peito. Ele dorme segurando essas comidas. Como se fosse um profissional da fome. Tubaina chega. Pensa em acordá-lo. Mas desiste. Não vamos nos esquecer que o Tubaina está de roupa nova, cabelo penteado. Chega Dos Passos eufórico. Vibra com a roupa nova do amigo.

DOS PASSOS - Companheiro, estamos feitos! Feitos!

TUBAÍNA - (apontando-se) Também me dei bem...

DOS PASSOS - Tou vendo a estica.

TUBAÍNA - Tou de garçom... A única coisa chata é que eu deixei o Pilatos na geladeira do homem.

DOS PASSOS - Se ele está na geladeira, está bem. Muito melhor do que ficar pegando sereno por aí. Estamos feitos, Tubaina!

TUBAÍNA - Você tem razão. Talvez seja mesmo melhor deixar ele lá.

DOS PASSOS - E Dom Geraldo Magela?

TUBAÍNA - Nada. Mas o que foi que você arrumou?

DOS PASSOS - Uma mina! Uma mina de dinheiro, Tubaina!

Mostra umas notas de dinheiro para ele.

DOS PASSOS - Veja! Adiantado! É o milagre brasileiro que está começando pra gente também. Isso é só o começo.

Tubaína também, tira umas notas do bolso.

TUBAÍNA - Parece milagre mesmo.

Ambos riem muito com as notas de dinheiro, felizes. Sic Transit acorda, vê a cena, também tira dinheiro dos bolsos. Os três riem, felizes. Luz se acende no fundo do palco. Um militar está vestindo uma roupa de Bispo em Dom Geraldo Magela.

MILITAR - Você tem certeza?

DOM GERALDO - Absoluta!

Some a cena de fundo.

DOS PASSOS - Lembra daquele pessoal do cinema? Aqueles que filmaram o Pilatos e pagaram com cheque sem fundos?

TUBAÍNA - Claro.

Sic volta a dormir encostado no poste.

DOS PASSOS - Pois pagaram. Esse dinheiro aqui. E tem mais. O produtor deles tava falido, por isso fizeram aquela sacanagem com a gente. Mas o grupo é de idealistas, gente que acredita no cinema nacional, gente que sente o cinema nacional, gente que vive o cinema, entende? Então eles chutaram aquele produtor, fizeram uma criação coletiva, arranjam um financiamento na Secretaria da Cultura. Então eles vão continuar o filme e precisam de novo do Pilatos. O Pilatos, pelo menos, tá empregado. O Pilatos é ator do cinema nacional. E ouça o que eu digo: vai acabar entrando na novela das oito.

TUBAÍNA - Mas o que ele vai fazer? Ele não sabe fazer nada...

DOS PASSOS - E pau precisa saber fazer alguma coisa? Pau tem que ir em frente e não se fala mais nisso. Eles querem filmar aquela cena de novo. Não tinha negativo na máquina na outra vez, você acredita?

TUBAÍNA - Mas eu não vou poder ir. Tenho que trabalhar.

DOS PASSOS - Quem precisa ir é ele. Eu levo.

TUBAÍNA - Será? Deixar ele ir sozinho com você? Será que ele não vai estranhar? Ele nunca se separou de mim... Nunca, nunquinha... Quando é que é a filmagem?

DOS PASSOS - Amanhã cedinho. Nascer do sol. Lembra? Adoração do Sol... Como da outra vez. O Cabral, o senador viado, as virgens, todo mundo. È o Pilatos lá, maquiadinho, bonitinho...

TUBAÍNA - Então a gente passa bem cedinho no bar e eu pego ele pra você. Mas cuidado, cara. Cuida dele como se ele fosse seu...

No fundo, no mesmo lugar onde Dom Geraldo e o Militar se encontraram, vemos dois soldados metralhando Otavio que corria deles e vem morrer na boca de cena, ao lado dos dois. Mas a cena é outra.

DOS PASSOS - Bem, a gente fez a nossa obrigação. Esperamos o Geraldão até agora. Tou morrendo de sono. Vamos dormir. Arrumei um quarto.

Os dois soldados puxam Otávio para fora de cena.

TUBAÍNA - (cutuca Sic) Sic Transit! Acorda, homem! Acorda! Vamos dormir, cara! Acorda! Vamos dormir!

SIC TRANSIT - Porra, é pra acordar ou é pra dormir?

E Pilatos, ainda estaria lá?

Luz apenas na geladeira. Lá dentro, o vidro com Pilatos. A luz pode ser da própria geladeira, interna. Um vulto se aproxima. Vemos que é o Gringo. Quando ele vai abrindo a porta, entra Tubaina.

TUBAÍNA - Bom dia, Mister Gordon!

GRINGO - (disfarça) Bom dia... Vim tomar um milquezinho.

Tubaina pega o seu vidro e vai embora.

Pilatos volta depois das filmagens

Depois de um rápido B.O. vemos agora o Tubaina voltando, depois da filmagem para colocar novamente Pilatos na geladeira. Ele entra com Dos Passos, comentando.

DOS PASSOS - Mas foi ótimo. Quem é que poderia imaginar que ele faria tanto sucesso a ponto do diretor do filme resolver fazer logo em seguida o ADORAÇÃO II? A gente não podia reclamar. Cinquenta por cento de adiantamento.

TUBAÍNA - Você tem razão...

Entram, Tubaina coloca novamente Pilatos na geladeira e saem os dois. Gringo, ao fundo, tudo observa.

Depois

Dos Passos está andando de um lado para o outro, impaciente, no quarto ondem agora moram os três. Logo depois entram Tubaina e Sic.

DOS PASSOS - (balançando o jornal) Vejam! Vejam! Filho da puta! É isso que ele é! Um grandisssimo filho de uma puta!

Tubaina e Sic pegam o jornal.

TUBAÍNA - Mas é a foto do Otávio, gente!

DOS PASSOS - Morto! Mortinho da silva!

SIC TRANSIT - Morto?

DOS PASSOS - Não sabe ler?

TUBAÍNA - Puta que os pariu!

DOS PASSOS - O filho da puta do Dom Geraldo Magela entregou o esconderijo dele para o DOPS, para o DOI-CODI, sei lá. Aí no jornal fala. Denúncia anônima. Anônima, o caralho! Pelo telefone, como os grandes filhos da puta desse país gostam de fazer. O garoto, o Otávio, resistiu. Foi o seu erro. Fugiu. Foi morto. Agora eu pergunto: precisava ser 87 tiros? Tá certo que era comunista, que era terrorista, o caralho a quatro! Mas será que um tiro só não tava bom? 87, porra? Um menino, ajudou a gente. Sou facista, mas tenho minhas recaídas, porra!

Tubaina senta-se na cama, com as mãos no rosto, chorando. Sic pega o jornal e começa a ler. Dos Passos pega o jornal, rasga o recorte com a foto do Otavio e prega na parede. Os três ficam olhando para a foto. Depois Dos Passos vai lá e retira.

DOS PASSOS - Melhor não. Depois o filho da puta pode dedar a gente também, os homens vêm aqui, a foto do menino está aí, vão achar que a gente é mesmo da turma. Como eles dizem: simpatizantes...

TUBAÍNA - Filho da puta.

SIC TRANSIT - Que merda... Vou tomar uma cachaça na padaria da esquina.

Sic sai. Os dois estão arrasados. De repente uma freada e uma batida. Os dois correm para a janela.

TUBAÍNA - Sic Transit!

DOS PASSOS - Meu Deus!..

Saem os dois correndo.

A fritada

Começa a cena com o Gringo colocando uma rodela de linguiça na boca. Está sozinho no bar, comendo uma fritada. Chega o Tubaina.

TUBAÍNA - O senhor vai me desculpar o atraso, mas um amigo, um amigo muito chegado, muito querido, morreu atropelado.

GRINGO - (oferecendo) Quer?

TUBAÍNA - Obrigado. E eu vou ter que ir agora lá no negócio do IML para reconhecer o corpo, senão ele vai ser enterrado como indigente. O senhor me desculpa, logo assim na primeira semana, mas...

GRINGO - Já tomou café?

TUBAÍNA - Não... Nem tive tempo.

GRINGO - Peça para a Maria do Carmo alguma coisa. Um omelete, um sanduíche... É bom se alimentar. O trabalho é duro. Enterrar um homem dá muito trabalho.

TUBAÍNA - Vou só tomar um cafezinho e pegar o meu vidro.

Tubaina sai. Gringo, preocupado, coloca um pedaço de linguiça na boca. Tubaina chega na cozinha, procura seu vidro na geladeira e está vazio.

TUBAÍNA - (segurando Do Carmo pelo braço) Onde está o meu negócio?

CARMO - Que negócio, menino?

TUBAÍNA - Aqui, dentro deste vidro, tinha um negócio meu. Quem mandou mexer nele? Quem? Era meu, porra!

CARMO - Ah, a linguiça? Ela estava quase estragada. Fiz a fritada do patrão com ela.

Tubaina senta-se.

TUBAÍNA - Como?

CARMO - Está se sentindo bem?

TUBAÍNA - Fritada?

CARMO - A fritada. Do patrão. Com a sua linguiça. Depois te dou outra. Não se preocupe. Não precisa ficar com essa cara.

TUBAÍNA - O patrão... A linguiça... Fritada...

Silêncio profundo. Tubaina está bambo. Levanta-se. Vai até onde o Gringo está comendo Pilatos em rodelas. O Gringo está dando a última e triunfal garfada. Ele sente a dor. Ele volta para a empregada. É um homem arrasado. Agora sim, é um homem castrado!

TUBAÍNA - Desgraçada!

CARMO - Desgraçada, por quê? O patrão gosta de fritada com linguiça e não tinha nenhuma outra por perto. O armazem só abre mais tarde. Você sabe. O jeito foi fazer com a sua linguiça.

TUBAÍNA - Mas não tinha nenhuma outra linguiça por ai, porra?

CARMO - Sabe que eu não consigo entender porque você tá com essa cara, porque tá tão puto? Deixa disso, Tubaina; a sua linguiça tava quase podre, tava velha, tava fedendo pra burro. Assim mesmo o patrão gostou.

TUBAÍNA - Filho da puta! Filho da puta! Aquilo não era uma linguiça, sua idiota! Aquilo que o patrão comeu em rodelinhas era o meu caralho! O meu pau, entendeu? O meu pau!

Carmo lívida e estupefata. Tubaina corre até o Gringo.

TUBAÍNA - O senhor sabe o que o senhor acabou de comer?

O Gringo dá uma daquelas palitadas que pulam pedaços de carniinha para fora da boca, que cai em cima da mesa. Tubaina olha o pedacinho de carne. Pega o titica mínima. Fica olhando

GRINGO - Todos os dias, quando acordo, como uma fritada. Você tem alguma coisa contra?

TUBAÍNA - O senhor sabe do que era essa fritada?

GRINGO - De linguiça, ora essa. Por sinal, excelente! Maria do Carmo, compre mais dessas. Um pouco forte, é verdade. Bem apimentada. Excelente!

TUBAÍNA - Isso não era linguiça, porra! Era o Pilatos! O meu Pilatos!

GRINGO - O que eu sei é que a fritada estava excelente.

TUBAÍNA - Você acabou de comer o meu pau!

Dos Passos entra.

DOS PASSOS - O que está acontecendo?

TUBAÍNA - Esse americano de merda acabou de comer o eu pau!

GRINGO - Pois o senhor está despedido!

DOS PASSOS - Comeu o Pilatos? Mas ele tem filmagem agora!

TUBAÍNA - O Pilatos! Essa idiota fez uma fritada com ele!

O Gringo afasta o prato e arrotta, solenemente.

GRINGO - Quer saber de uma coisa? Pra ser sincero: gostei muito do seu pau!

B.O. rapidinho.

Adeus ao velho SIC

Dos Passos, Tubaina e um Funcionário da Funerária Municipal, andando pelas gavetas do IML.

FUNCIONÁRIO - É esse?

DOS PASSOS - Não. Mais velho.

FUNCIONÁRIO - Esse?

DOS PASSOS - Não. Era branco. E mais velho.

FUNCIONÁRIO - Se era bem velhinho deve estar na geladeira. Velho apodrece rápido!..

Entram num lugar cheio de fumaça fria. Sic está lá, deitado, morto.

DOS PASSOS - É esse aqui!

FUNCIONÁRIO - Sabe o nome dele?

TUBAÍNA - Sic Transit.

FUNCIONÁRIO - Como?

DOS PASSOS - Irineu Magalhães.

Tubaína se espanta com o chute de Dos Passos.

FUNCIONÁRIO - (anota) Irineu Magalhães. Natural de onde? Idade? Profissão? Estado civil?

DOS PASSOS - (inventando na hora) Caruaru, Pernambuco, foguista aposentado da Rede Federal, viúvo, nascido em fevereiro de 1908, dia 11.

FUNCIONÁRIO - Aquário!

TUBAÍNA - Como?

FUNCIONÁRIO Aquário. Cem anos na frente. Gente muito louca. Tinha que se dar mal. Minha mulher é aquário. Muito louca. Eu sou gêmeos. Gostam de horóscopo? Tenho um livro ótimo aqui na gaveta 455547. Esperem um momentinho.

O Funcionário sai.

DOS PASSOS - É agora! Vamos! Rápido!

Tubaína tira uma grande faca do bolso, chega perto de Sic. Dos Passos levanta o lençol. Tubaína segura o lençol, passa a tesoura para Dos Passos que capta Sic Transit. Levanta o "apêndice" e mostra.

TUBAÍNA - Muito murcho, muito velho. Os caras vão desconfiar...

DOS PASSOS - Vão nada. Vamos nos mandar, vamos!

Saem os dois correndo. Volta o funcionário, olha para um lado, olha para o outro. Constata o furto!..

FUNCIONÁRIO - Meu Deus, a que ponto chegamos!...

Este país vai de mal a pior... Estão a roubar caralhos, agora!

Mais uma morte

Tubaína e Dos Passos estão caminhando rapidamente com o vidro debaixo braço.

TUBAÍNA - Isso não vai dar certo. O pau do Sic Transit é completamente diferente do meu!

DOS PASSOS - Deixa comigo.

Mulher 1 pula na frente deles, com uma metralhadora.

MULHER 1 - Eu sabia que você (refere-se a Dos Passos) ia nessa maldita filmagem. Todos os jornais deram. Seu traidor filho de uma puta! Alcagueta! Filho de uma puta! Tou com o seu curriculum! Seu corno! Já tinha te visto na Federal há uns anos! Dedo duro! O Diogo tá morto! O Otávio está morto!

TUBAÍNA - Calma, minha senhora...

MULHER 1 - Você deu o serviço, cara. Vi a tua ficha! Foi você!

DOS PASSOS - Posso explicar, minha senhora?

MULHER 1 - Nós avisamos: dente por dente, olho por olho!

Mulher 1 dispara a metralhaora nele.

TUBAÍNA - Nao! Não foi ele! Não foi ele! Por favor!...

Mulher 1 dá mais uma rajada e sai correndo. Tubaína se agacha e abraça Dos Passos.

DOS PASSOS - Merda de vida!... São uns putos!...

Dos Passos morre.

Som de sirene. Tubaina se manda, deixando o corpo lá.

Deise, ato três

Estão Deise e Tubaina. Tubaina sentado na cama, com as mãos no rosto, em fim de choro. Deise, na mesinha, tira o embrulho do vidro, tira a tampa e fica ameaçando tirar ele lá de dentro. Tubaina começa a prestar atenção na história. Ela, lentamente, enfia a mão lá dentro e pega o falso Pilatos. Deita-o numa das mãos e com os dedos da outra mão, finalmente, faz carinho nele. Tubaina vai até ela, pega o falso Pilatos e joga dentro do vidro e o tampa.

DEISE - Mas logo agora que eu tive coragem, amorzinho? Que eu peguei nele?

TUBAÍNA - Ele envelheceu, tá todo enrugado, cheirando mal... Vou jogar ele fora... Ele não serve mais pra nada..

O fim

Novamente a filmagem. Estão todos os personagens da filmagem inicial nos seus respectivos papéis, menos o Produtor. A ATRIZ 2, QUE FAZ UMA DAS VIRGENS, ESTÁ EM CENA VESTIDA DE DEISE. Pilatos está exposto ao sol com as duas virgens o venerando e gritando:

VIRGENS - Aleluia! Aleluia!

É como se a CAM, num zoom, fosse se aproximando do Tubaina sentado ali do lado, num canto da praia, sozinho, com o vidro apenas com o líquido dentro, aberto.

É como se a CAM, num zoom, fosse lá no olho dele e descobrisse aquele choro vindo bem devagar, mas que depois vai molhar toda a areia, num choro forte, convulso, sofrido. Pouco a pouco, ele vai entornando o líquido na areia.

No centro do palco, "Pilatos" está sendo adorado.

TODOS - Aleluia! Aleluia!

O Diretor se aproxima dele.

DIRETOR - Estamos todos muito felizes!

TUBAÍNA - Vocês estão é mal informados!...

Tubaína coloca o vidro no chão e vai indo embora.

TODOS - (para "ele") Aleluia! Aleluia!

Entra a música "Eu te amo, meu Brasil" de Ron e Ravel, no máximo.

O Bispo, triunfalmente, passa ao fundo...

Deise sai do filme e vai atrás dele. Ele vai mais lento para que ela se aproxime. Vão sumindo.

FIM

Crítica

1. Otto Maria Carpeaux

Pilatos é originalíssimo. Não tem semelhança com nenhuma outra obra da literatura brasileira. Talvez Carlos Heitor Cony fosse predestinado para escrever assim. Pois certos germes de Pilatos já se encontram em obras suas, anteriores. Mas desta vez, também é singular o estilo em que Cony escreveu. É um estilo altamente pessoal. Só podia ser ele. Mas o resultado, a obra, tem importância para todos nós. A leitura provoca gargalhadas.

São inúmeras as situações e trechos de humorismo abundante e irresistível (só preciso lembrar a cena em que o sujeito, sendo obrigado a masturbar-se, apenas encontra, para sua animação, uma revista de turfe). Mas tem-se o direito de rir, de somente rir, desses episódios? Acho que não. Um doutor da Igreja disse que o "sábio só ri tremento", e "sábios", sabedores de nossa situação somos todos nós.

Que nos resta? Chorar? Não. Um outro, que não era doutor nem da Igreja, disse muito bem: "Je me presse de rire de tout, de peur d'être obligé d'en pleurer." O humor abundante de Pilatos está cheio de símbolos, ou então, é mesmo o símbolo de uma tristeza desconsolada. Quem tiver lido Pilatos estará melhor informado: sentindo toda a infelicidade de nossa condição humana e desumana.

E que se pode esperar de uma obra de arte?

2. Mario da Silva Brito

Para as pessoas preconceituosas, Pilatos é, sem dúvida, o texto mais insólito e agressivo que Carlos Heitor Cony produziu até agora.

Cony, ninguém o ignora, sempre fecundou seus escritos - de ficção ou não - se substancial conteúdo crítico e polêmico, questionando o homem, as ideias, as sociedades e instituições.

Pois assim continua sendo em Pilatos. Aqui, pela via do escatológico, narra uma terrível história dos tempos modernos - história em que coloca, antes de mais anda, o drama do indivíduo e o da liberdade. O personagem castrado desse romance é um símbolo. Também são símbolos outras figuras que o povoam.

Nada de introspecções abissais, de sutis análises psicológicas, de fatigantes abordagens psicanalíticas. O que ao ficcionista importa é a história em si mesma. São os fatos, episódios, pormenores, o acúmulo de acontecimentos, tal como ocorre em Petrônio, Boccaccio, Rabelais e Cervantes - para lembrar algumas balizas ilustres, à semelhança desses mestres, o escritor brasileiro valeu-se de toda desinibição de linguagem - a mesma desinibição que está em Gil Vicente, nas anedotas que o povo conta, nas façanhas de Bocage ou Malazarte.

Por tudo isso, Pilatos não é leitura para pessoas de mentalidade acanhada, de vôo curto e rasteiro, amarradas à letra do texto. Pelo contrário, esse romance pede inteligências abertas, capazes de descobrirem, em meio à falação desabrida, ao grotesco à la Goya ou à mordacidade à Daumier o quanto há de humano, sofrido e pungente nessa parábola escrita antes com sangue e lágrimas que com riso.

Mas Pilatos não é romance de derrota e amargor. É antes - e principalmente - uma advertência. Uma advertência aos que, julgando-se felizes, são apenas desinformados.